

Oferta
-0. NOV. 1998



AVULSO

1.20 ESC.

ANO III—N.º 128

28
OUTUBRO
1943

São lindas as mulheres da Golegã—olhos de raça, tipos finos, que o trabalho caleja e ennobrece. Daqui a pouco, a Golegã vai estar em festa, a festa da sua Feira anual—e elas, que um ano inteiro labutam e um ano inteiro sonham com o seu dia—já andam doidejantes a pensar na linda andaina. Como esta, no seu traje domingueiro, tôdas elas vão parecer mais lindas. E os olhos dos rapazes que o digam!...

(Foto Frederico Bonhacho).

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



ANTONIO FERRO

Um elemento que se devotou com entusiasmo verdadeiramente moço às tarefas de bem dirigir o S. P. N. Os seus amigos e admiradores, não esquecendo o re-lêvo de sua missão, prestaram-lhe merecida homenagem, a propósito do seu 10.º aniversário na direcção daquele importante organismo.



ARTUR PORTELA

Camarada nosso, um dos mais apreciáveis elementos do jornalismo português, dirige também «Mundo Gráfico», uma revista moderna que se impõe. É por motivo de mais um aniversário desta revista que queremos cumprimentar Artur Portela.



DR. AYALA BOTTO

Acaba de ser nomeado inspector dos Desportos — um cargo que certamente desempenhará à altura dos seus conhecimentos técnicos, pois o Dr. Ayala Botto é além de um praticante do desporto, um estudioso dos assuntos que lhe dizem respeito.

AQUI dentro NÓS

Inventário & Balanço

A ACADEMIA CONDECORADA

«VIDA Mundial Ilustrada» vai passar por uma profunda modificação na sua estrutura. Será uma nova revista? Evidentemente, não é. Seremos os mesmos e mais alguns a fazê-la — mas a orientação permanece no mesmo plano: agradar, servir o leitor, dar-lhe, de forma eclética e variada uma imagem do que é o mundo — porque a revista ilustrada é também mundial, sem deixar de ser profundamente nacional. Aqui fica, pois, o aviso aos nossos leitores de todas as semanas — com a certeza de que uma surpresa os aguardará, quando num dos próximos números forem a abrir as páginas da nossa revista...

COM o termo da quadra estival e o recomeço de todas as actividades intellectuais nas cidades, também a Academia reabriu as suas portas. Está claro que as portas da Academia abrem-se sem estrepito, porque as Academias, pelo seu próprio espirito e pela sua própria maneira de ser, são contrárias a todo o ruido que pudesse parecer menos cortês. Tudo gira sobre alcatifas, que abaixam suavemente todos os gestos, todos os passos, todas as vozes. Tem que ser assim. Não, se compreenderia, com efeito, uma Academia que gesticulasse bruscamente, ou que se lançasse em correrias, ou que desandasse em gritaria. Não seria uma Academia das Ciências, mas uma assembleia geral de tempestuosa agremiação desportiva. Nem Marinetti, o académico futurista, compreenderia assim um agrupamento de sumidades científicas e literárias. Uma Academia é um cenáculo, por sua própria essência, onde a ordem é a razão-mãe, origem, método e programa. É a sua constituição reflecte — deve reflectir — o próprio nível mental da nação. É o escol das ciências, das letras e das artes. Por isso mesmo, tem que se entender que a sua actividade — passe o pleonasmo — tem de ser uma actividade activa, com sinais de vigor e iniciativa, capaz de alento bastante para impulsionar toda a vida mental de um país. Até onde é que as Academias são capazes de corresponder a este papel que inegavelmente lhes cabe? Não faltam os que, hoje como sempre, lhes negam todo, esse valor de impulso, negando o valor da iniciativa académica e desdenhando do próprio espirito académico. Essas críticas, porém, não se podem considerar nem simplesmente destrutivas nem apenas inoperantes, porque trazem em si a indicação dos atributos de que o estilo académico precisa de se rodear para se abrigar de condenações. Seja como for, o arcótipo do Arco de Jesus resume, condensa e representa, o mais oficialmente possível, o que se considera, em Portugal, a nata do pensamento e da acção. Por isso mesmo, tem que se registar como distinção ao pensamento português o gesto brasileiro de conferir à Academia das Ciências de Lisboa o mais alto galardão honorífico: a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul. Entre tantas manifestações, ultimamente produzidas, do desejo de uma intimidade de total compreensão entre os dois países que por tantas razões de História se mantêm ligados, esta pode figurar como uma das de mais formal significação. Se a geografia e a política fazem de Portugal e do Brasil dois países irmãos — mas, em todo o caso, dois países, razões sentimentais e mentais imperam para que espiritualmente eles se sintam cada vez mais unidos.

LISBOA AOS MOUROS

FESTEJOU-SE mais um aniversário da tomada de Lisboa aos mouros. Dentro de poucos anos, em 1947, esse aniversário coincidirá com o 8.º centenario. A ideia de um século tem um certo sabor na vida dos homens. E na vida dos povos também. Lisboa, capital do país, vai completar oito séculos como sede do Governo. As comemorações do 8.º centenario da fundação da nacionalidade foram há três anos. Daqui a três, veremos o complemento, que não deixará de ser condignamente recordado.

Vida Mundial Ilustrada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. DA EMENDA, 69-2.º — LISBOA
TELEFONE: 2 5 8 4 4



CESAR DOS SANTOS

Um jornalista trabalhador, de excelentes qualidades literárias, estudou com afinco os problemas do Japão, dando-nos agora, em edição da «Vida Mundial», um livro magnifico a que deu o titulo de «O Japão na história, na literatura e na lenda» e a que nos referiremos com o re-lêvo que merece.



ALICE DE OLIVEIRA

A autora da «História Maravilhosa da Rainha Astrid» deu-nos mais um livro de inteligência e sensibilidade: «Terra do Sul, terra de Amor», em que se firmam as qualidades apreciáveis da sua autora e que, por isso, certamente, está reservando a todo o êxito.



DR. SACRAMENTO MONTEIRO

Foi nomeado secretário geral do Ministério da Educação Nacional, tendo já tomado conta de tão alto cargo. Dadas as suas qualidades excepcionais, é de esperar que a sua acção se faça sentir dentro do novo lugar que lhe foi agora entregue.

lismo que não é inoportuno registar. Santarém é, por excelência, a capital do Ribatejo. O novo liceu dir-se-ia dominar, intencionalmente, toda a imensa lezíria ribatejana que se desdobra, à sua volta, como uma formidável tapeçaria verde. Não é apenas uma grande casa de educação: é uma espécie de nobre selo de pedra chancelando a paisagem luminosa e fecunda.

«O mundo não vai bem!» — asseveram os homens de bom senso. De facto, o mundo não vai bem, não por culpa d'ele, mas das pessoas que o habitam. O homem que podia viver ao menos relativamente feliz, é o autor da maior parte das suas infelicidades. Adão complicou a vida. Ao separar-se da Natureza para dar o braço à Civilização abriu um abismo em que ele próprio rolou. Evidentemente, o mundo tem tidos períodos melhores ou piores, conforme a bondade ou a maldade dos homens ou, com mais rigor, de alguns homens que nêle preponderam. O momento que atravessamos não é — temos de reconhecê-lo — dos mais felizes. Pelo contrario.

— Quem fez o mundo? — perguntava certa ocasião um velho padre a um rapaz a quem ensinava doutrina.

— Eu não sei, senhor prior.

— Não foste tu, hein? O rapaz amedrontado:

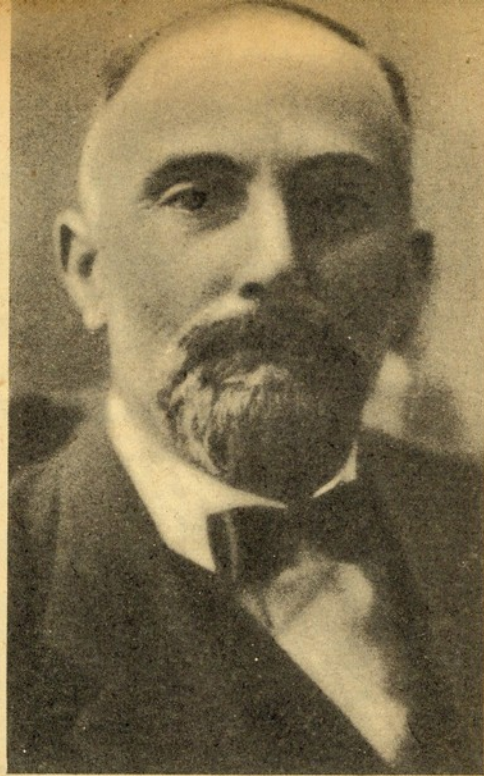
— Fui eu, fui, senhor prior, mas perdôe-me por esta vez, que eu não torno.

Quem sabe, perante a loucura dos homens, se o Criador não diria o mesmo!

OPFERECEMOS aos curiosos algumas «notas» encontradas na carteira dum devedor: «Há uma cara inconfundível: a do agiota; como astúcia, tem a da raposa; como instinto, o do tigre; como costumes, os da hiena; a sua não assemelha-se a uma garra, o seu coração a uma bolsa, a sua alma a uma moeda; só um laço o une à sociedade — o interesse; uma muralha o separa do mundo — o egoísmo».

O CONDE SFORZA

OU O REGRESSO À TRADIÇÃO



«Eu não sei se a história, no futuro, continuará a admitir a pretensa superioridade de alguns povos em relação aos outros. Mas creio bem que, se for possível admitir uma superioridade desse género, ela será certamente da qualidade daquela que eu sempre sonhei para o meu país, constituir-se em arauto das idéias de paz e de solidariedade. São estas as ideais forças do futuro.

O país que melhor trabalhar para que a Europa deixe de ser os Balcanos do mundo, trabalhará, ao mesmo tempo, para o seu próprio prestígio e para conquistar, em relação aos outros, a superioridade a que me refiro. Fará isso muito melhor do que se enveredar pela senda da violência que lhe sugerem alguns pretensos políticos realistas.

Só é verdadeiramente um homem de Estado aquê que sabe ligar os interesses e os ideais do seu país com os interesses e os ideais que, apesar de todas as resistências e de todas as crises, já se anunciam como os fundamentos da lei internacional de amanhã.

Estas palavras, escritas pelo Conde Carlo Sforza num dos livros publicados durante o seu prolongado exílio, «Os construtores da Europa moderna», são a justificação dum passado e constituem um programa de acção para o futuro. São elas que, em grande parte, justificam a celebridade actual do seu autor. Fiel às suas próprias convicções, o mérito essencial d'este politico italiano para cujos serviços os seus compatriotas recorrem numa hora dramática da vida da Itália, consistiu em ter sabido conservar-se fiel a um pensamento de solidariedade humana e de colaboração internacional.

Essa fidelidade foi acompanhada duma coerência total entre as suas idéias e as suas atitudes, entre as suas palavras e os seus actos. Assim, a sua personalidade surgiu como uma reserva de inculcável valor pratico no momento em que foi preciso negociar, substituindo o ruído das armas pela discreção das conversações diplomáticas.

A VOLTA A PÁTRIA

O conde Carlo Sforza encontrava-se nos Estados Unidos quando, em 25 de Julho, se produziu a queda do regime fascista que elle havia anunciado como uma consequência da politica externa italiana e da intervenção na guerra. Os factos tinham-lhe dado razão. Mas a situação dramática a que o seu país se encontrava reduzido era bem de molde a mitigar quaisquer preocupações de politica interna que, por ventura, pudessem suscitar-se no espirito do conde Sforza.

O armistício de Siracusa consagrava a derrota das forças militares italianas. Era esse o seu aspecto episódico e immediato. Deixando para assentar oportunamente, segundo a vontade do vencedor, as cláusulas politicas e económicas que deviam completá-lo, era todo o futuro da Itália que se encontrava em causa. A sobrevivência da unidade nacional, custosamente conquistada oitenta anos antes, e a manutenção das fronteiras naturais da pátria, alcançadas graças à intervenção na Grande Guerra, constituíam a principal preocupação dos dirigentes italianos que haviam recolhido a pesada herança da intervenção no actual conflito com as suas conhecidas consequências.

Para isso, a diplomacia italiana, servida por uma tradição incomparável e por negociadores avisados, realizou, em quarenta dias, uma tarefa que não deixa de constituir um motivo de justificada admiração. Efectivamente, quarenta dias depois de ter sido consagrada, pela celebração dum armistício draconiano, a sua derrota nos campos de batalha, a Itália viu attribuir-lhe um estatuto de não beligerância que corava o esforço daqueles que julgam necessário encaminhar o seu destino no sentido da colaboração franca com os vencedores. A personalidade e a actividade incansável do Conde Carlo Sforza contribuíram decisivamente para se alcançar esse resultado. O seu regresso à pátria tornara-se indispensável como uma garantia perante as resistências compreensíveis que esse mesmo êxito provocara. O Conde Sforza seguiu de Nova-York para Bari pelo caminho mais curto e mais rápido.

AS CONVERSAS PRELIMINARES

Apesar de lhe não ter sido attribuída, por enquanto, qualquer categoria official, foi em nome da Itália que o Conde Sforza falou nas conversas preliminares que teve em Londres e em Argel. Com o Primeiro Ministro e com o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, com os dirigentes da Comissão da Libertação de Argel e com os representantes autorizados da Grécia e da Yugo-Eslávia elle esforçou-se por articular o regulamento futuro da vida externa italiana.

É fácil compreender as dificuldades com que deparou, as quais foram levantadas em nome de recordações recentes e penosas. A Itália apresentara

em relação à França reivindicações territoriais que os franceses de todas as tendências consideraram unanimemente indefensáveis. Se havia um assunto da vida internacional a respeito do qual os homens do centro, da direita e da esquerda em França estivessem de acôrdo (e não eram muitos os que se encontravam nessas condições), esse assunto era bem o das reivindicações italianas.

A invasão do território francês, em 10 de Junho de 1940, tornara irreductíveis os dois países que, no passado, tinham revelado tantas afinidades e afirmado em comum tantos motivos de compreensão. «A França tem esquecido com frequência que a lenta união do seu povo não se fez contra qualquer outro povo. Como na Itália, essa união é o produto dum longo processo espirital que não foi forjado segundo as leis do ferro e do fogo». Assim se exprimiu o Conde Sforza na «Síntese da Europa» para caracterizar os fundamentos verdadeiros da amizade franco-italiana. Invariavelmente fiel a esta doutrina, que foi o lema da sua acção como embaixador em Paris, foi fácil reconhecer que ela constitue o escudo com que o Conde Sforza encara os obstáculos duma negociação delicada com os actuais dirigentes de Argel. A França eterna e a Itália eterna só sobre essa base podem encontrar o caminho da reconciliação.

AS RESISTÊNCIAS A VENCER

Em Outubro de 1940 os italianos invadiram a Grécia; em Abril de 1941 invadiram a Yugo-Eslávia. Durante mais de dois anos e meio occuparam os dois países. A occupação não foi facil nem foi feliz. Em ambos os casos as suas recordações constituem uma pesada hipoteca para o restabelecimento de relações normais com a Itália. O Conde Sforza avistou-se, durante a sua viagem de regresso, com alguns dirigentes gregos e yugo-eslavos. Elle não ignora, decerto, que a politica interna da Grécia e da Yugo-Eslávia são coisas complicadas e que seria bem feliz quem pudesse predizer quem detera amanhã o poder em Atenas e em Belgrado.

Diplomata cauteloso, a vontade de fazer regressar a Itália à senda da sua tradição revela-se no propósito firme de dar garantias aos representantes dos actuais governos daqueles países no exílio e aos representantes das várias correntes de opinião tanto da Grécia como da Yugo-Eslávia, com os quais pode ser necessário ou útil negociar. Para isso o seu passado e o seu sistema de relações pessoais representaram elementos de transacção valiosos.

O Conde Sforza foi, inalteravelmente, o amigo dos yugo-eslavos e o advogado incansável da paz adriática. Depois da última conflagração, quando os episódios de Fiume e da Dalmácia pareciam constituir obstáculos irremovíveis para que a Itália e a Yugo-Eslávia construíssem em bases sólidas o sistema da sua amizade no Adriático, a voz do Conde Sforza não deixou de se erguer contra os excessos que tiveram a sua origem na occupação daquela cidade pela força. No exercicio das funções de ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália e no exílio, a causa da Yugo-Eslávia e do seu futuro constituiu um tema eloquente da obra politica e literária do Conde Sforza.

Grande amigo do falecido rei Alexandre, assassinado em Marselha, o seu conselho foi sempre ouvido no palácio real de Belgrado com o acatamento devido a um patriota, que conhece o valor inestimável da paz, e a um diplomata que conhece os limites da negociação e da honra nacional quando esta se encontra em causa.

As suas atitudes anteriormente assumidas em relação à Grécia dão-lhe uma autoridade especial para tratar igualmente com este país. O reconhecimento de co-beligerância italiana produziu uma viva emoção no interior da Grécia e entre os elementos gregos que se encontram no exílio, provocando uma crise ministerial que se saldou com o pedido de demissão do governo da presidência do sr. Tsouderos, actualmente instalado no Cairo. A Grécia sustentou com o exercito italiano uma luta rude e prolongada. As razões dessa luta pesam na memória da nação grega. Uma das tarefas do Conde Sforza consiste em as fazer esquecer o mais rapidamente possível.

SABE POR QUÊ?

"Magia da cozinha que lhe diga..."



A dona da casa pôs um ovo ao lume. Mas, daí a pouco, pergunta: Qual dêles estará cozido, se coloquei o cru ao lado do cozido?

Vamos apresentar-lhes um filme curioso — um dos muitos filmes culturais que a Ufa realiza frequentemente. Mas, em primeiro lugar, precisamos de saber de que vamos tratar. Ai está: «Magia de Cozinha»:

Ensinaram-lhe que andasse com os dois ovos à roda, ao mesmo tempo, no mesmo prato. E logo vê que o que tem mais massa — o cozido — roda mais tempo do que o outro...

Vamos saber porquê. A chávina representa a casca do ovo, a água o conteúdo do ovo cru. Se dermos voltas à chávina, o fósforo fica parado, porque o líquido não acompanha o movimento de rotação que se imprime à chávina. Ora, isto é o que se dá com o ovo cru: Para primeiro, porque a matéria em movimento é menos densa...

Mas, vamos a outra experiência. Aqui temos um ferro de engomar quente. A senhora põe-lhe os dedos e não se queima. Sabe porquê? Aqui tem: porque tem os dedos húmidos e a humidade produz uma camada de vapor que a protege das queimaduras!

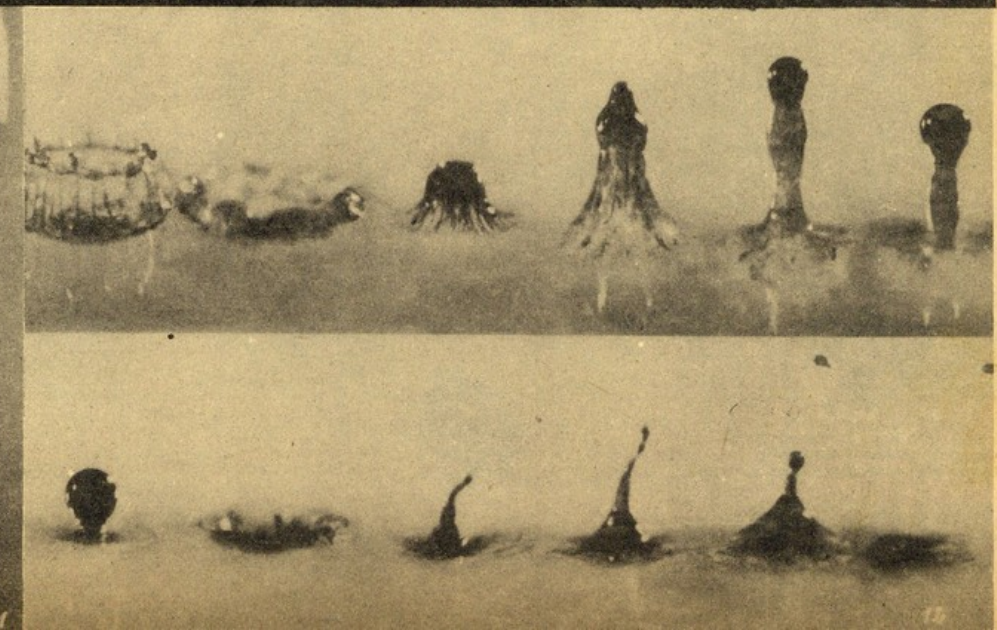
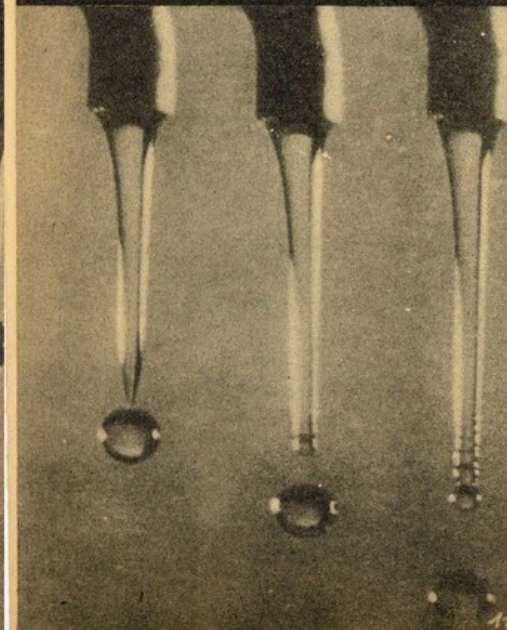


Aqui temos um caso de todos os dias: uma torneira mal fechada, consunção das donas de casa, porque o contador não perdoa... Mas, já repararam que, por cada gota de água que cai — que nervosismo causa a cantilena do pingue-pingue! — se ouvem duas pancadas? Talvez não tivessem reparado no fenómeno...

Pois aqui lhes damos, pela imagem, a explicação por segundo — imagine-se! — com a câmara lenta

essa curiosidade de acústica. Duas mil imagens maravilhosas! A água, reparem bem, parece mel

...Forma-se uma cratera. As margens desta impulsionam novamente a água para cima. E, aí, forma-se nova gota que, ao cair, dá origem ao segundo ruído. Isto, às vezes, regista-se ainda por uma terceira vez. Mas, então, as pequenas gotas que se formam já não produzem ruído que impressione o nosso ouvido...



OS OLHOS DO MUNDO



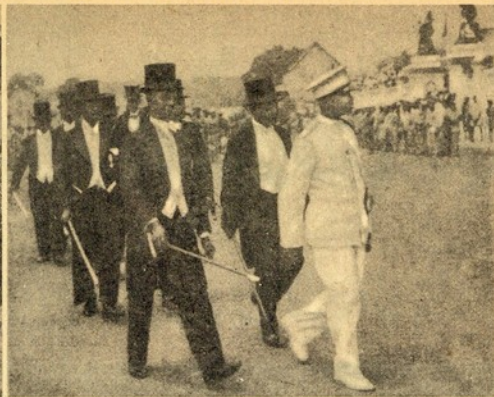
Um intervalo. Os canhões calaram-se por uns momentos ou o soldado tem um dia de descanso. É artista. Porque não há-de aproveitar o tempo, distrair o espírito, renovar a vida que ficou para lá da frente de batalha? Este soldado alemão responde à interrogação: o seu camarada, soldado como ele, cria relevo sobre o barro, quando os seus dedos modelam...



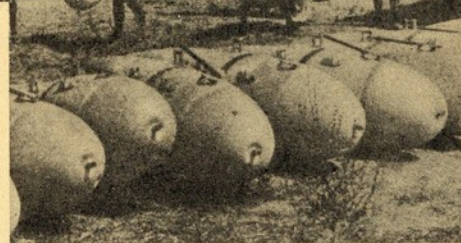
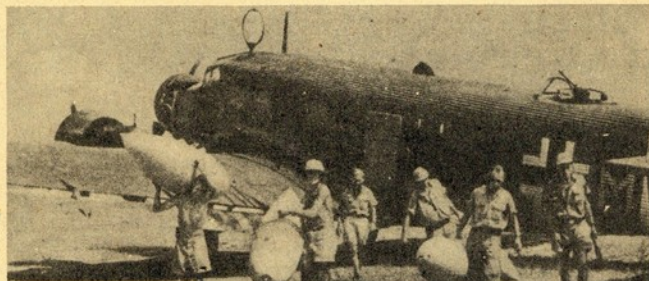
Que disparatada dança! Pois mereceu honras especiais dos parisienses, quando outro dia foi apresentada, num «music-hall» por Burgyle e Simonet. Dizem que, dentro em breve, todas as damas vão imitar esta dança nos salões de baile. Quando a veremos em Lisboa?



A Libéria—o país dos negros libertos pelo altruísmo de um grupo de americanos ricos—vive em paz, apesar de ter declarado guerra aos países do Eixo e dos americanos ali terem bases navais. Eis a sua bandeira, durante um desfile militar, a que o Governo assistiu, como se vê na foto à direita.



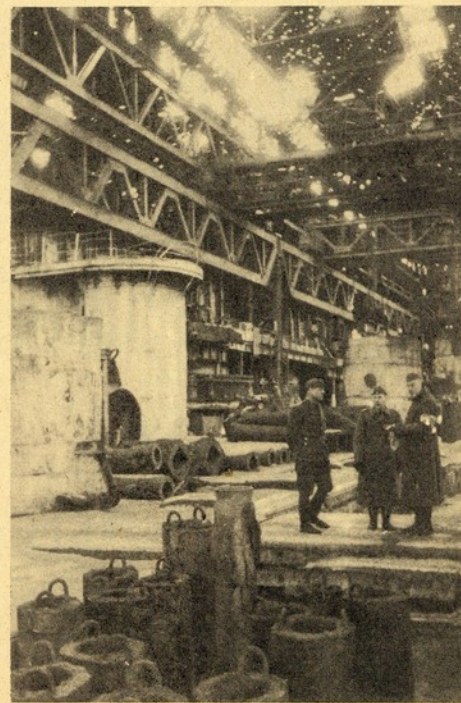
Parecem bombas, não é verdade? Mas são, afinal, reservatórios de gasolina. Os países beligerantes estão agora a empregar—e parece que eficientemente—estes transportadores, aplicados às asas dos aviões e munidos de pára-quadras. Assim, o abastecimento às linhas de combate torna-se mais fácil.



Olé! Olé!... Zara Leandro, uma espanhola? Não, é sueca, trabalha na Alemanha, vestiu-se de espanhola e entrou num filme que se intitula «Num cabaret de Lisboa». Naturalmente, de Lisboa, o filme e o «cabaret» têm só o título e as espanholas... E ainda bem!



A Universidade de Oxford acaba de conferir à Rainha Guilhermina da Holanda o grau de doutor «honoris causa» em direito civil. Esta alta distinção foi-lhe conferida pela luita corajosa, pela justiça e inviolabilidade dos tratados internacionais que Sua Majestade tão tenazmente tem mantido. Nesta fotografia da cerimónia, a Rainha está sentada ao lado do Vice-Reitor da Universidade.



Chega-nos esta foto da frente de batalha: uma fábrica de material de guerra, russa, ocupada pelos alemães que tiveram o cuidado, como o cliché indica, de registar todas as peças. Repare-se nos inúmeros modelos de fundição.

O sol da meia noite raiou,
no último domingo, sobre
o céu azul da nossa capi-
tal! Por toda a parte, as
muitas dezenas — ou cente-
nas? — de projectores de-
ram-nos destas imagens
inesperadas que todos vi-
ram mas que nem todos
souberam fixar como Jorge
Garcia...



CALCADA DA GLÓRIA

NOTA A ABRIR

HA instituições de que ainda se não fez — sabe-se lá porquê — a merecida história. Uma dessas instituições é, por exemplo, o apito. Porque se não faria ainda — muitas vezes temos perguntado a vós próprios — a história do apito? A história do apito constitui, de certo modo, um dos grandes capítulos da história da humanidade. Nos momentos alegres, mas, sobretudo, nos momentos graves, o homem apitou sempre. Apitar tem sido, invariavelmente, não apenas um dos prazeres, mas uma das necessidades do género humano. O apito, mais do que um instrumento, é uma instituição, e mais do que uma instituição local — é uma instituição universal. Cabe a Portugal a suprema honra de ter introduzido o apito no Parlamento. Um dia, o deputado progressista Henrique Kendall, tendo visto aceite e depois repudiada a emenda que fizera a uma das propostas apresentadas à Câmara pelo então ministro da Fazenda Teixeira de Sousa, em plena sessão, puxou de um apito — e apitou. Pouco tempo depois, um deputado inglês apitava na Câmara dos Comuns. Dentro em pouco, apitavam todos os deputados do mundo. O apito galgara o último reduto: a legislação. Ele, que já celebrara a efigie de tantos homens ilustres, acabara por obter oficialmente a consagração política. Era a única coisa que lhe faltava. Tornou-se o supremo senhor do Universo. O apito passou a ser o grande substantivo. Apitar converteu-se no grande verbo. Eu apito. Tu apitas. Ele apita. Todos nós apitamos. A humanidade está, neste momento, toda ela — a apitar

A MENTIRA

Dizia-nos ontem um amigo nosso que é filósofo:
— Mentir não custa nada. O que custa é inventar as mentiras necessárias para sustentar a mentira que se diz.

O AUTOR DRAMÁTICO

Certo candidato a autor dramático levou, uma vez, a Lino Ferreira, então administrador do Teatro Nacional, um drama em quatro actos, para ele ler e dar a sua opinião. Uma semana depois foi pela resposta.

— Então, já leu o meu drama?
— Por enquanto só li os três primeiros actos.
— E qual acha melhor?
Logo Lino Ferreira, num sorriso:
— O quarto.

CÂMARA DE RINCHÓIA

— Sabe? — dizia-nos ontem o dr. João Valério. — A Rinchóia está uma terra importantíssima. Já tem Câmara...
— Câmara?
— É o que lhe digo. A mais leal das Câmaras...

Carta aberta a Maria Adelaide Lima Cruz



*Senhora, também um dia
Entrarei c'o fronte erguida;
Não serei de vós, senhora,
Dependente toda a vida.
Nem é pecado vos digo,
Nem sequer é má idéia,
Em certas ocasiões,
Cobiçar a coisa alheia!
Mas porque sou e serei,
Por meu bem ou por meu mal,
Um coração perdulario,
Pra não dizer liberal,
Ai vos mando um perú
Literário — é bem de ver! —
Que leva as penas molhadas
Em pranto d'enteneccer.
Mas em troca mandareis,
Nobre e formosa donzela,
Pelo mesmo portador,
Encaixilhada — uma tela,
Das muitas que vós pintais
A óleo, que é um delcete.
E vos agradeço mais
Se o óleo — fôr azeite...
Fico esp'rando em alvorço
Longe de si — um exílio! —
E de vós, senhora minha,
Eu me assino*

DON BASILIO

PREVENÇÃO

Duas horas da noite, Madame A. prepara-se para dar de mamar a seu filho, que tem cinco meses, e que acaba de acordar, numa rabuge. O marido de Madame intervem, cauteloso:

— Cuidado, filha. Olha que estão proibidas as ceias...

JUIZOS

Dum juiz de investigação:
— Se a autópsia mostra que a vítima foi assassinada com uma navalha de barba, é porque no momento do crime se estava a barbear...

EÇA DE QUEIROZ E O FADO

Eça de Queiroz foi passar uns dias a Coimbra, onde não tinha voltado desde a sua formatura. Alguém perguntou-lhe, nessa ocasião, o que gostaria de ver o romancista que lhe recordasse a Coimbra do seu tempo.

— Uma guitarrada, meninos, uma guitarrada...

Chamaram-se dois ou três guitarristas; gemeram as guitarras; cantou-se um velho fado, longo em sentimentos e ais; e Eça de Queiroz, embevecido, meditava através do monóculo...

Isto passou-se há 63 anos.

ANDRÉ BRUM E AS DUAS SENHORAS

Num hotel, à hora do almoço. Uma senhora ordena ao criado:

— Abra aquela janela, senão morro abafada.

Quando o criado acabava de cumprir a ordem, exclama outra senhora:

— Feche a janela, senão morro com uma pneumonia.

— Abra, já lhe disse!

— Feche, mando eu!

Imediatamente André Brun comentou com o melhor sorriso do mundo:

— O melhor é abrir até que morra uma e fechar em seguida para que morra a outra!

ACTORES

Uma tarde destas no «Café Lisboa». Em volta duma mesa, três ou quatro actores. De repente, um deles diz:

— Li ontem uma coisa curiosa. Que na antiga Roma, quando os actores representavam mal, os espectadores arrancavam-lhes a máscara e atiravam-lhes nozes e figos...

Intervenção dum dos presentes:

— Se tivéssemos a certeza de que aqui suceda o mesmo, passávamos a representar ainda pior do que representamos...

A VIDA SERÁ DOCE?

— Com tantos triunfos, para si a vida é com certeza uma coisa doce, conselheiro! — dizia, uma vez, a José Estêvão, certa senhora.

— Engana-se V. Ex.^a. Doce, na existência, só conheço a água do rio — e o mexilhão de Aveiro...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

PERDÃO, SERÁ INDISCRETO?

SEIS PESSOAS NOTÁVEIS SOB O SIGNO DO FOTÓGRAFO!



E esta? Quantas meninas burguesas, das que nós conhecemos, morreriam de vergonha se fossem assim apresentadas em público? No entanto, a filha do Primeiro Ministro britânico — essa gentilíssima Mary que todos já conhecemos de ver tanta vez ao lado de seu pai — fá-lo aqui sorridente e sem ostentação. Ela pertence aos serviços auxiliares femininos do exército — e se, em boa verdade, em tempo de guerra não se limpam armas — é preciso, entretanto, limpar casternas. Ela, como as outras, cumpre o seu dever.

FINAL, não somos só nós os indiscretos, os que adoramos a bisbilhotice pública, propalada através dos jornais e das revistas... Lá fora, os jornalistas gostam de servir ao público esse prato picante, bem condimentado de bisbilhotice.

Ora vejam o que foi possível reunir numa página de magazine! Nada mais, nada menos, do que seis fotos, qual delas a mais curiosa, reflectindo «casos» da vida particular da Princesa Juliana, de Toscanini, Bette Davis, Charlie Chaplin, Winston Churchill e sua filha Mary...

Em um pequeno espaço, não seria possível reunir tantas notabilidades, distraídas da objectiva do fotógrafo-jornalista!

Naturalmente que algumas vezes elas representam a consequência de uma «mise-en-scène» estudada. O fotógrafo, que dá todos os dias mil voltas à cabeça para corresponder às intimações do chefe de redacção — é preciso arranjar coisas sensacionais! — nem sempre tem a sorte de encontrar celebridades de cócoras ou a comprar melões. Então, recorre-se à boa vontade dos escolhidos para vítimas do dia — e fazem-se flagrantes... preparados. Estes que damos, porém, garantimos que foram achados!



Ninguém seria capaz de adivinhar que Charlie Chaplin, o Charlot da nossa meninice, é um orador inflamado, destes capazes de perder os punhos da camisa e arrancar a manga do casaco — fora da tela... E, no entanto, é assim mesmo. Charlot faz política (ele é industrial e capitalista...) organiza comícios e arrebatou multidões. O gesto é tudo! — e tudo isto se resume no gesto que o fotógrafo fixou, quando o homem das «Luzes da Cidade» proferiu, há meses, um dos seus mais vibrantes discursos...



Parece uma avózinha, assim com estes óculos pretos, a fazer stricote e de vestidos compridos. Mas, afinal, que nós sabemos, Bette Davis nem sequer é mamã. E, depois, com uma cara tão ímson e graciosa, quem iria supor que ela é uma velhinha na vida real? Esta foto foi tirada pelo buraco da fechadura quando Bette Davis recebia numa das últimas quintas-feiras — fique-se sabendo que ela recebe às 5.ª — um grupo de amigas, na sua casa de campo. Simplesmente, um lugar de só tomar e oferecer cocktails — Bette, que quer ajudar as Nações Unidas a vencer depressa, trabalha e faz as vistas trabalhar para os soldados!...



A Princesa Juliana da Holanda, que um dia será rainha e que se encontra presentemente no Canadá, passa por ser mãe extrema e educadora inteligente. As suas duas filhinhas mais novas — Beatriz e Irene — prendem-lhe aqui, na foto, a atenção. Juliana aceita risonhamente as brincadeiras da filhinha que lhe quer meter na boca uma varinha — que não é positivamente, de condão...



Está sr. gordo, de grande sobretudo, que lê pachorrentamente o jornal e toma sol no banco do jardim, como qualquer burguês — é o homem mais extraordinário de Inglaterra actual: Winston Churchill, que neste Outono ainda tépido, gosta de tomar o sol da manhãzinha...



Oh! e quem será este senhor folgazão que como um fauno espreguia esta ninfazinha graciosa no jardim das delícias? Pois não é difícil de reconhecer: Artur Toscanini que troca nas horas de folga a melodia da música pela companhia inocente da netinha graciosa. Não é verdade que tem graça e que vale um dinheirão a indiscrição do fotógrafo?



STUART — o grande Stuart Carvalhais, tem todo o azeite de figurar nesta página. Visto pelo lápis de Santana, o nosso maior ilustrador e caricaturista actual adquire uma consagração que seu talento reclamava. Ei-lo, pois, tal qual ele é: artista, mais cuidadoso no bico do lápis do que no bico dos sapatos; mais atento às formas interiores do espirito, do que ao nó da sua própria gravata. Porquê? Será fenómeno descontraído? Talvez não. Essa revolução da indumentaria tem paralelos na revolução dos seus processos artísticos. E se Stuart vestisse «smoking» para jantar e calçasse luvas para fumar «havanos» — não haveria ninguém que acreditasse na sinceridade da sua arte, quando se debruça nos motivos humildes que o nosso povo sugere...

Stuart é, realmente, o cantor — passe o paradoxo — da gente da Ribeira, das ruelas tristes de Alfama, dos alegres comensais de hortojos arrebaladinos... Se ele fosse francês ou inglês — estaria a esta hora milionário. Assim — tem apenas os milhões das suas desilusões, os milhões das suas efusivas demonstrações de graça...

(Caricatura de Santana)

HOMENAGEM

DO
SANTANA

7 DIAS DE CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

SANGUE, Suor e Lágrimas», título português do célebre «In wich we serve», por sua vez inspirado em determinada passagem da oração dos marinheiros — alcançou na América, na votação de 1942, o título invejável de «o melhor filme estrangeiro». Digamos, desde já, que a obra de Noel Coward justifica absolutamente o galardão. É, pela sua grandeza, pelo poder dramático, pela humanidade do tema — uma obra excepcional no rosário de produções que o público desfia semanalmente nas telas dos cinemas de Lisboa.

* * *

«Depois de Deus — diz uma legenda invocativa — a Inglaterra deve a sua salvação à Armada Real». «Sangue e Lágrimas» é, assim, a exaltação da marinha de guerra britânica, numa obra que está à altura do assunto gigantesco que se propõe glorificar.

Ao contrário do que poderia supor-se, não assistimos à parada fotogénica dos couraçados e dos porta-aviões. O filme foge à especulação do grandioso. E, assim, Noel Coward preferiu contar-nos a história de um contratorpedeiro da Armada Real: o «Torrin», irmão gêmeo de dezenas de outros navios que sulcam as águas de todos os Oceanos. E o filme é a odisséia apaixonante deste barco e da sua tripulação — desde o dia em que, no estaleiro, assistimos ao assentamento da quilha, até o momento doloroso em que se sepulta nas águas de Creta, mortalmente atingido durante um ataque de bombardeiros alemães.

A par da vida do «Torrin» — que é a grande vedeta do filme — travamos conhecimento com a tripulação, para a acompanhar ao seu mundo íntimo, e devassar, dentro da esfera da sua vida

humana, as esperanças e anseios, os sonhos e realidades. Uma figura se avanta, naturalmente, sem que alguma vez se pressinta o propósito de a elevar em detrimento dos outros — o comandante! Dentro do barco ele é o coração e o cérebro — para se nivelar, no momento do perigo, no desprendimento pela vida ou em face das realidades, ao mais infimo dos seus marinheiros. Agarrados à bóia de borracha, depois do barco sossobrar, não há subalternos ou graduados — mas naufragos que buscam, com resignada ansiedade, a possibilidade do salvamento.

* * *

Com «In wich we serve» o cinema inglês atinge a maioridade. Talvez o próprio cinema americano nos não pudesse dar uma obra de ficção com tão grande cunho de verdade. Porque o filme é representado por uma paisagem humana quase desconhecida. Hollywood teria buscado, para produção de tanta monta, alguns nomes de cartaz. Noel Coward, por seu turno, preferiu fugir aos actores demasiado vistos — e pôde dar ao seu filme o tom sóbrio e maravilhoso dum autêntico documentário.

Coward é, certamente, uma das figuras mais curiosas do mundo do cinema. Este homem, que se especializou como autor de operetas delicadas — lembram-se de «Sempre Noivos» (Bilker Sweet?) — escreveu peças audaciosas como «Design for Living», que vimos no cinema com o título de «Uma mulher para dois». Músico e dramaturgo, foi simultaneamente o autor da partitura e do libreto das suas inspiradíssimas operetas. Um dia, interessou-se pelo cinema. Na América, quiseram aproveitá-lo, sobretudo sob o ponto de vista literário.

Em Junho de 1941, apareceu em Lisboa, trazendo pelo braço a lindíssima Madeleine Carroll. Recebeu, então, a Imprensa, no Clube Britânico. Falou-nos do teatro e do cinema. Evocou a sua carreira e a sua vida, sem se esquecer de que em suas veias corre, por herança dos antepassados, sangue português. Dirigia-se, então, para Londres, e nessa altura ele não sabia se iria dedicar-se ao teatro ou ao cinema, como autor ou actor, visto que nas horas vagas não desdenha a arte de representar.

E eis que Noel Coward nos aparece agora numa obra definitiva, como autor, realizador, planificador e intérprete, sem deixar a outrém o cuidado de escrever os diálogos e compor a partitura.

Inimigos acérrimos da acumulação de cargos dentro dum filme, mesmo quando se tem o talento e o génio criador de Noel Coward, temos que nos render, desta vez, perante «Sangue, Suor e Lágrimas» — excepção que justifica a regra, tantas vezes enunciada.

* * *

Não sabemos que mais exaltar neste filme, se a justeza da concepção ou os prodígios da realização. Sabemos, apenas, que tem um realismo impressionante, que é forte, belo, grandioso e humano. Convence, quando a guerra varre os Oceanos com as suas procelas de fogo e de metralha — e emociona até às lágrimas nas cenas em que se evocam simples episódios de amor ou de viver de família. Sob este aspecto, podemos considerar modelar o brinde da mulher do comandante à noiva do oficial de marinha.

O episódio de Dunquerque — tragédia espelhada na face dos sobreviventes — e a cena em que o comandante se despede dos seus marinheiros, medem, só por si, a categoria excepcional deste filme. O primeiro grande filme sério desta guerra, obra eloquente e definitiva, expressão superior dum Arte sublime.

E porque entendemos que ficaríamos aquém da verdade, se quiséssemos dar exacta noção da sua categoria e do seu interesse espectacular, limitamo-nos a aconselhar o leitor a não perder o ensejo de experimentar uma das mais gratas emoções que a tela nos tem dado, indo ver «Sangue, Suor e Lágrimas» — orgulho da cinematografia britânica.



A hora dolorosa da separação. Uma das cenas mais belas de «Sangue, suor e lágrimas».



Noel Coward na figura do comandante do «Torrin», coração e cérebro do seu navio

ATENÇÃO! ATENÇÃO!

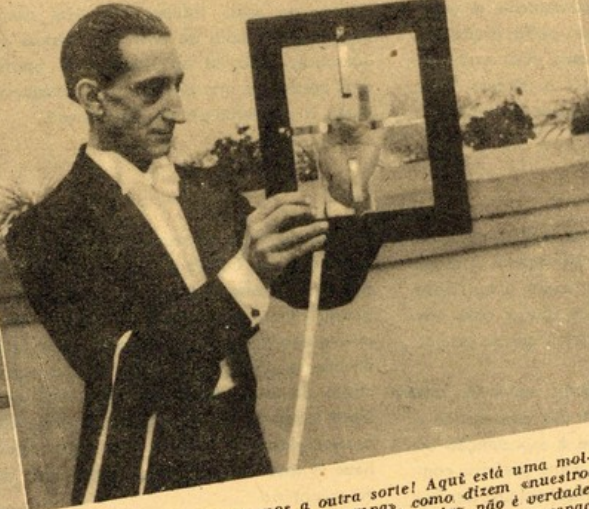


Respeitável público! Há segredos que ninguém conhece! Mulheres enterradas vivas, corações atravessados por espadas, pequenas moedas que desaparecem da mão do artista para tilintarem no bolso de qualquer destemido burguez das primeiras filas...
Aqui está, Fonseca! O leitor conhece-o do Capitólio, do Coliseu, do Estoril! Esta primeira sorte é a do canudo. Está vazio, não está? Não há fundos falsos, é óco.

VAMOS MOSTRAR COMO SE ENGANA O PUBLICO!



O canudo foi passeado pela platéia: Um sujeito, com ares de entendido, para fazer ver à família que também percebia das artes misteriosas de Fu-Machù, esteve com ele às voltas, dando sonoras pancadinhas com a cabeça dos dedos.
Já meia platéia se ria daquela espertezalota — e o canudo voltou às mãos do ilusionista. Deu uma volta rápida — e, depois, assombrosamente, começa a tirar bandeiras, lenços, peças de roupa, flores — isto tudo que estão vendo...



Meus senhores, vamos a outra sorte! Aqui está uma moldura dura. Hein? Aqui não 'chay trampa', como dizem 'verdadeiros hermanãos'. Mas... Há sempre um fundo falso, não é verdade? Os tecidos são de seda, bem atestadinhos cabem num espaço de deminuto. Depois, pronto! O fundo abre-se, na rapidez de segundos, e aí começa a aparecer o estendal, que o deixa perplexo. Repare neste espelho. Está inteiro.



Colocou-lhe uma carta na outra face, presa àquelas fitas de papel, que atravessam a moldura.
E a leitor começa a perceber que a agulha que perfura o vidro e a carta não pode ter essa virtude diabólica se não houver ali o tal truque. A carta, na realidade, não tinha a mais ligeira betiscadura. Nem o vidro oferecia, nas faces lisas, qualquer perfuração, por mais ligeira. Como é, então, que a agulha vai por ali dentro?...



É simples — conclue rapidamente um entusiasta, amador que em casa, entre a família, faz pelos princípios físicos conhecidos de todo o mundo, batoçar o copo da água, nas reviravoltas vertiginosas dum arco: a carta não é a mesma, porque foi escamoteada pela manga da casaca — e o vidro não está furado — só a ilusão de óptica pode dar esse efeito. Eis duas moedas: uma de cinco e outra, de dez escudos.



As moedas são atiradas ao ar. Toda a gente via que eram verdadeiras, e, por consequência, vulgares — para quem, claro, ache vulgaridade ter dinheiro...
Num instante, as moedas desapareceram. Não riam! Estão na manga da casaca, perfeitamente. Mas o artista tira a casaca — e nada. Então, do ar, como se viesse por ondas hertzianas, desce um rólo de papel, que é desenrola, desenrola...



...Como foi possível, isto? Na platéia, uma senhora, dá um gratinho assustada. Ela, coitada, que é tão nervosa não agüenta estas emoções. Então, na sombrinha, que nunca largara e descansava no colo não se anicharam as moedas que o artista justamente pelo reclamar? Ah! a senhora jurava, não queria equívocos! Fonseca agradece as palmas — e apresenta os arcos. Não estão partidos. Como vêem, são iguais. Dai a pouco um mete-se pelo outro dentro...



Elasticidade, impenetrabilidade, o diabo! Pois bem: a história é curta. Basta que um dos arcos, rapidamente, deixe que se tire um pequeno calce de madeira que tem na sua orla — para o seu diâmetro ganhar, em dimensões, maior vulto. Aquêlê desliza, que não chega a ser coisa que se veja é o suficiente para que o outro arco entre e saia. Mas... Cuidado! Vamos a este número que é de emoção e interessantíssimo. Chama-se a caça às pombas! Atenção! Atenção!



Bom, aqui está, um saco. Bate-se com ele na mão, não tem nada, nenhuma particularidade especial. O público vê que está bem vazio. Mas, daí a pouco sai uma pombinha, toda branca que se coloca na boca do saco. E outra aparece e outra e outra e muitas. Então, as pombas espalham-se pela sala. Vão pelos camarotes, sobem ao teto. Que lindas! Olhem que curioso — o bando a esvoaçar, enquanto o artista do palco, com o assobio, as chama, novamente, e as apanha no ar, com o saco!...



Bom serviço, sim senhor! Isto é muito bem feito mas... o leitor decerto compreende que o truque do saco é para todos os efeitos um truque. Evidentemente temos que buscar nas mesmas normas — do fundo falso. Todavia a rapidez é que é o grande êxito destes trabalhos. Desde que a platéia não perceba... tudo sai com limpeza.
Quanto às pombas são domesticadas — com a paciência e o carinho de quem ganha a vida com as suas habilidades. Enfim, mais outro número sensacional: Dois copos, dois copos iguais! Atenção!



Ora se os copos têm o mesmo volume — como pode um caber dentro do outro?
E o caso é que a platéia viu, perfeitamente que eram de vidro e que, por consequência, não esticam, como o elástico... Mas o artista, com os seus dedos esguios, fez pressão nas paredes do copo — e éle entrou pelo outro dentro...
— Aldrabil! — diz um sujeito, mal humorado, à saída, como estas coisas se fazem!...

UMA REPORTAGEM FOTOGRAFICA DE SERODIO COMENTADA POR MANUEL MARTINHO

Leia até ao fim, para saber quem é aquela mulher desconhecida...

Por S. Schmulevitz

PARIS em plena Primavera. Paz e tranqüillidade. Um romance verdadeiro. Um amor profundo e verdadeiro com um simpático jovem fidalgo, com quem se pode conversar agradavelmente e passear a cavalo no Bosque de Bolonha, esquecendo o Mundo e as horas que passam—haverá alguma coisa que possa tornar mais feliz uma rapariga do que isso tudo? Miss Stewart, a encantadora filha dum milionário americano, sentia-se feliz, imensamente feliz, naquêles mêes de Maio de 1914.

Encontrára no jovem Conde Júlio Appony, descendente duma das mais nobres famílias da Hungria, o primeiro grande amor da sua vida. A felicidade humana, porém, é efêmera. A guerra, essa guerra terrível que havia de durar mais de quatro anos, interferiu brutalmente no seu idílio. O Conde Appony, adido à embaixada da Austria-Hungria, que declarara a guerra à França, teve de abandonar Paris, com o restante pessoal diplomático. Miss Stewart, todavia, não conseguiu decidir-se a deixar partir sózinho o seu namorado. Acompanhou-o à Sulga, onde casaram, regressando, em seguida, às suas herdades na Hungria. Viviam em harmonia e felicidade e tiveram duas filhas—Virginia e Geraldina—e um filho.

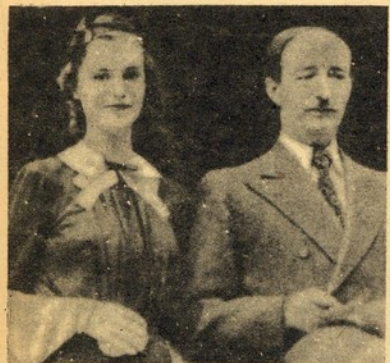
1919. A guerra terminou. Os vencedores decidem da sorte dos vencidos. O Tratado de Trianon obriga a Hungria a ceder os seus territórios setentrionais à recém-nascida Checoslováquia. Os condes de Appony perdem parte considerável das suas propriedades. O Conde, roído de desgostos, morre. A fortuna da família perde-se e, com ela, mais uma felicidade que a guerra implacável destruiu.

Uma condessa húngara de nascença, certamente, teria procurado o auxílio da grande e rica família de seu marido, ou de seus pais, nas precárias circunstâncias em que ficou, pelo falecimento do esposo. A detrupça, contudo, não privara a antiga Miss Stewart do seu prático espírito «yankees». Fêz as malas e partiu, com os seus três filhos, para a Itália, onde vendeu as jóias, abrindo, em seguida, uma pensão em Florença.

O tempo passou. Virginia, a filha mais velha, cresceu, e a família do pai conviveu-a para ir à Hungria. Uma jovem condessa tem que casar-se, e o meio mais infalível para o conseguir é frequentar os salões da sociedade mundana. Virginia aceitou o convite, foi apresentada na alta roda magiar e, a breve trecho, um homem a levou ao altar.

A segunda a chegar à idade casadoira era Geraldina. Seguiu-se outro convite da família dos Appony. Geraldina partiu com saudades da pensão, onde tinha estado a ajudar a mãe nos trabalhos domésticos, e chegou a Budapeste, com uma única mala. Tal como Virginia antes dela, Geraldina atraiu, em breve, as simpatias e favores da aristocracia elegante. Mas, ninguém falava da sua mãe americana, que prosseguia a dirigir a sua pensão...

Geraldina aborreceu-se, a breve trecho, da turbulenta vida social da cidade do Danúbio e dos



Geraldina e o rei Zogu

seus numerosos admiradores. Com o espírito prático que herdara da mãe, foi procurar um emprego, e encontrou-o no Museu Nacional de Budapeste, recebendo um insignificante ordenado de entrada, como principiante sem habilitações que era.

Em Janeiro de 1938, realizou-se um espectáculo de beneficência na Ópera Real. O clou daquela noite seria a exhibição de elementos conhecidos da aristocracia e plutocracia elegante, disfarçados e mascarados em trojes de actores e actrizes. Geraldina tomou parte, vestida de «Mimis» de «La Bohème», com um vestido preto decotado, caindo-lhe as cabelos escuros, à sôlta, em caracóis, sobre os ombros. Os jornais relataram, depois, que o público, ao principio, se esqueceu de lhe dar os aplausos habituais, tão pasmado estava com a sua beleza. Quando a assistência recolheu ânimo, as ovações foram tão vementes e tão longas, que ela foi obrigada a aparecer sucessivamente diante do pano. O êxito foi completo.

«A Vida Teatral», uma revista húngara de grande expansão, publicou fotografias do espectáculo e o Destino, essa força incompreensível, quis que, por acaso, um exemplar chegasse às mãos do soberano dum pequeno país, que vivia na sua capital, a centenas de milhas de Budapeste. Folheando as páginas da revista, reparou na fotografia de Geraldina, e o seu pasmo não foi menor do que o da audiência da ópera de Budapeste. Era o que os franceses chamam um «coup de foudre». E decidiu rapidamente...

«Se esta rapariga tiver, no original vivo, metade da beleza que tem na fotografia, então hei-de casar com ela! Nem sequer lhe passou pela cabeça que ela pudesse recitá-lo. Poucas raparigas são capazes de repetir a declaração dum rei...

Ora, o casamento dum soberano, como se sabe, não é um assunto meramente privativo. Tornou-se necessário obter o consentimento do Papa e do Rei Jorge Horthy e, por conseguinte, as negociações diplomáticas chegaram a entabolar-se, com êxito, antes mesmo de Geraldina, ou sua mãe, ter sido informada do projecto real em que lhe estava reservado o papel de protagonista.

Entretanto, uma transformação importante se havia operado, também, na vida da viúva do Conde Appony. Um belo dia, um official do exército francês, em missão na Itália, desceu na sua pensão, e enamorou-se da dona da casa, que nada tinha perdido dos seus encantos. A noticia do seu casamento não levantou colúmba sensacional na imprensa. Outro tanto, porém, não sucedeu com o enlace de Geraldina, cujo casamento occupou, de facto, as primeiras páginas de jornais e revistas. É que o rei tinha conseguido o seu intento. Chamava-se Ahmed Zogu e era da Albânia...

A mãe e o padrasto francês de Geraldina assistiram ao casamento, que se realizou, com grande



O general Giraud

pompas, em Tirana. Mas, ambos foram esquecidos em breve. A encantadora rainha da Albânia, contudo, continuou a merecer as atenções da imprensa, especialmente, quando se soube que ela esperava um herdeiro. O Rei Zogu occupou-se da instalação do seu novo palácio, enquanto mandava vir expressamente um famoso médico especialista italiano, para assistir à Rainha.

Estava-se na Primavera de 1939. O concerto das grandes potências lei tocando o prelúdio do segundo drama mundial. O médico italiano, solicitado pelo Rei Zogu chegou, de facto. Mas, infelizmente, não veio sózinho. Atrás dêle arribavam as praças da Albânia as legiões de Mussolini, que vinham conquistar a pequena nação vizinha...

...o seu filho nascido havia dois dias, conseguiu escapar, atravessando a fronteira grega, numa automovel que, mais precisamente, lhe fora oferecido havia um ano, por ocasião do seu casamento, pelo Conde Ciano. Os jornais occuparam-se largamente da sua fuga precipitada, narrando que a mãe de Geraldina a aguardara na Grécia, seguindo com ela para a França, naquêles momentos de desgraça, em que a sua filha e o seu neto dela precisavam...

A tragédia da pequena Albânia perdeu-se no meio da tragédia maior que veio incendiar o Mundo inteiro. Raras vezes se fala, presentemente, de Geraldina, mas às vezes, lá aparecem algumas palavras, por vezes acompanhadas duma fotografia do pequeno Alexandre, herdeiro do trono da Albânia. É um mudo tolo, encantador e titulo albanês que os seus compatriotas lhe deram é a expressão das esperanças que nêle depositam. Chamam-lhe «A Agulzinhas».

A mãe de Geraldina também submergiu no esquecimento. Aquêles official francês com quem casara avançou na sua carreira militar e, quando eclodiu a segunda Grande Guerra, estava no posto de general, comandante dum corpo de exército. Foi feito prisioneiro pelos alemães, por ocasião da derrocada francesa. Conseguiu, porém, fugir. Sua mulher, nas cartas que lhe enviava, metia-lhe pequenos bocadinhos de corde, e quando êle tinha o suficiente, fabricou dos bocadinhos uma corda grossa, evadindo-se pela janella da fortaleza alemã em que estava enclausurado. Quando o Mundo veio a saber dêste facto, o seu interesse convergiu, pela terceira vez, sobre a vida da antiga Miss Stewart.

Já adivinhou, prezado leitor, quem será aquela mulher desconhecida que permaneceu em França, e foi detida como refém, pelos alemães, depois da audaciosa fuga do seu marido para a Africa do Norte?

Miss Stewart, a viúva do Conde Appony, é, de facto, a actual esposa dum dos mais gloriosos chefes da ressurreição francesa. E seu marido chama-se Henri Honoré Giraud!

JUVENTUDE ALEMÃ
O Castelo de Reichersbeuern
 Albergue-escola para rapazes e raparigas



A lição de ginástica racional, para que a velha máxima latina seja actual: espírito sã em corpo sã...



Na Escola para Raparigas, no Castelo de Reichersbeuern, os trabalhos agrícolas ocupam grande relevo.



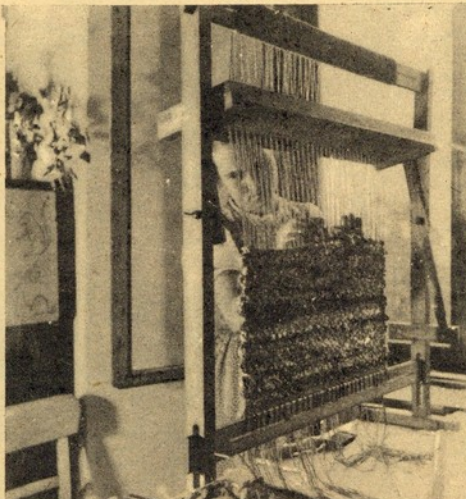
Durante as horas de descanso o tempo ocupa-se na cultura do espírito. Uma bela leitura no peitoril da janela sabe bem...



Nas lições de enfermagem, as raparigas ficam a saber tratar dos feridos de guerra e dos acidentes em família...



Nos trabalhos domésticos também se ensina a fazer compotas, porque os alemães, como nós, são gulosos...



Aprendendo o ofício de tecelão, as raparigas ficam habitadas a ganhar a vida.

QUANDO de manhã cedo se abrem as janelas do castelo de Reichersbeuern para deixar entrar a luz do dia, ouvem-se as vozes e o riso alegre das raparigas através dos prados frescos e orvalhados. O castelo soberbo e arrogante, que fica situado entre as termas de Tolz e Reichersbeuern, transformou-se num albergue para raparigas novas, na idade entre 9 e 17 anos.

Segundo o princípio da Educação da Juventude Alemã — um espírito sã só pode existir num corpo saudável — o programa dos estudos inclui também os jogos desportivos, a ginástica e as artes domésticas.

As raparigas aprendem a tecelagem e fazem os mais lindos tapetes que depois servem para decorar as paredes das salas do castelo. Na cozinha, aprendem a arte da culinária. Os jardins são aproveitados para a agricultura. Um professor de ciências naturais competente orienta os trabalhos agrícolas e com paciência responde a todas as perguntas acerca desta ou daquela planta. Também aqui se junta a teoria à prática.

A noção da responsabilidade é desenvolvida no espírito da rapariga o mais cedo possível. Cada uma tem a sua missão especial, que varia segundo a sua individualidade e as suas qualidades. Enquanto que algumas cumprem a fácil tarefa duma distribuidora de cartas, as outras são incumbidas da enfermagem. Se alguma delas apresentar qualidades intelectuais especiais, então é aproveitada no interesse da comunidade.

Depois de findar um dia de assidua actividade, as raparigas reúnem-se à noite na sala grande denominada a «capela» para conversar, ouvir música ou ler obras boas da literatura alemã.

No Inverno o eski é um dos desportos predilectos; no Verão organizam-se grandes passeios nos arredores e assim o corpo torna-se forte e sadio e o coração mantém a sua frescura e alegria.

Dois temperamentos coincidentes

Wagner, o Dürer da música...

POR JORGE RAMOS

SÓ um génio como Wagner nos podia dar a entender que o mundo é a consequência dum pensamento musical. O drama do homem perante o Universo, a idéia do Cosmos, a pequenez humana, o conflito da existência, a intranquilidade do nosso espírito, as surdas interrogações do pensamento, tudo o que forma a substância trágica da alma, vive no misticismo do estilo wagneriano. A sua inspiração reflecte a sensibilidade do homem que na obscuridade profunda transforma, por um prodígio de vitorioso heroísmo, os signos enigmáticos em florescências luminosas.

Wagner contém uma força indomável, sobre-humana, quasi feroz, qualquer coisa de chama casta numa ascese constante para as regiões superiores. O conteúdo filosófico da sua obra elevou a um grau nunca atingido o êxtase optimista, activo, arrebatado, onde as volúpias do sonho se exprimem por aspirações de domínio e se reproduzem num orgulho musculoso. Cogitador das mais altas realidades misteriosas, impregnou a sua concepção e a sua estética duma espantosa clarividência. Dir-se-ia que o seu génio, em diálogo interior com as incoerências e as singularidades da Natureza, surpreende o segredo da vida. Nietzsche aproxima-se de Wagner. Parsifal é o super-homem. A mesma visão, elevada pela inteligência e pela raça, cintila com igual fulgor de paixão nos dois temperamentos coincidentes.

Wagner deixa marcada em cada uma das suas criações, com uma serenidade plásmica quasi absurda, o tormento e a agitação do homem superior que diante do espectáculo do mundo elabora o seu mundo...

Debussy com a sua frivolidade mediterrânea, é uma madrugada cor-de-rosa. Wagner é a Floresta Negra nas pulverizações subteis do luar.

Na orquestração forte e sonora do génio de Bayreuth, surgem, vindas de milenárias distâncias, desde a curva interminável do tempo, os mitos e as lendas, dirigindo-se para a perfeição. As cosmogonias religiosas da Helade nada mais são que transitoriedade e relâmpago diante desta floração de formas emblemáticas que possui quasi uma delicadeza vegetal. O traço incisivo da obra de Wagner é a meditação altiva, grave e serena, que eleva a poesia das coisas à regiões do irreal. A sua arte eterniza todas as potências da vontade humana — de ansiedade desvairada mas optimista. Todo o carácter: desigual e impulsivo da Natureza, nas suas dualidades, nos seus desencontros, nas suas inconsequências, apresenta-se ao nosso espírito através da música de Wagner como uma força heroica, desmaterializada, sobrenatural. A melancolia ática escondia a excitação nervosa, a vibração psíquica da volúpia que morre afogada no culto

dionisiaco do amor terreno, e na exaltação cerebral da obediência aos deuses. O optimismo e a serenidade de Wagner transpõem essas fronteiras.

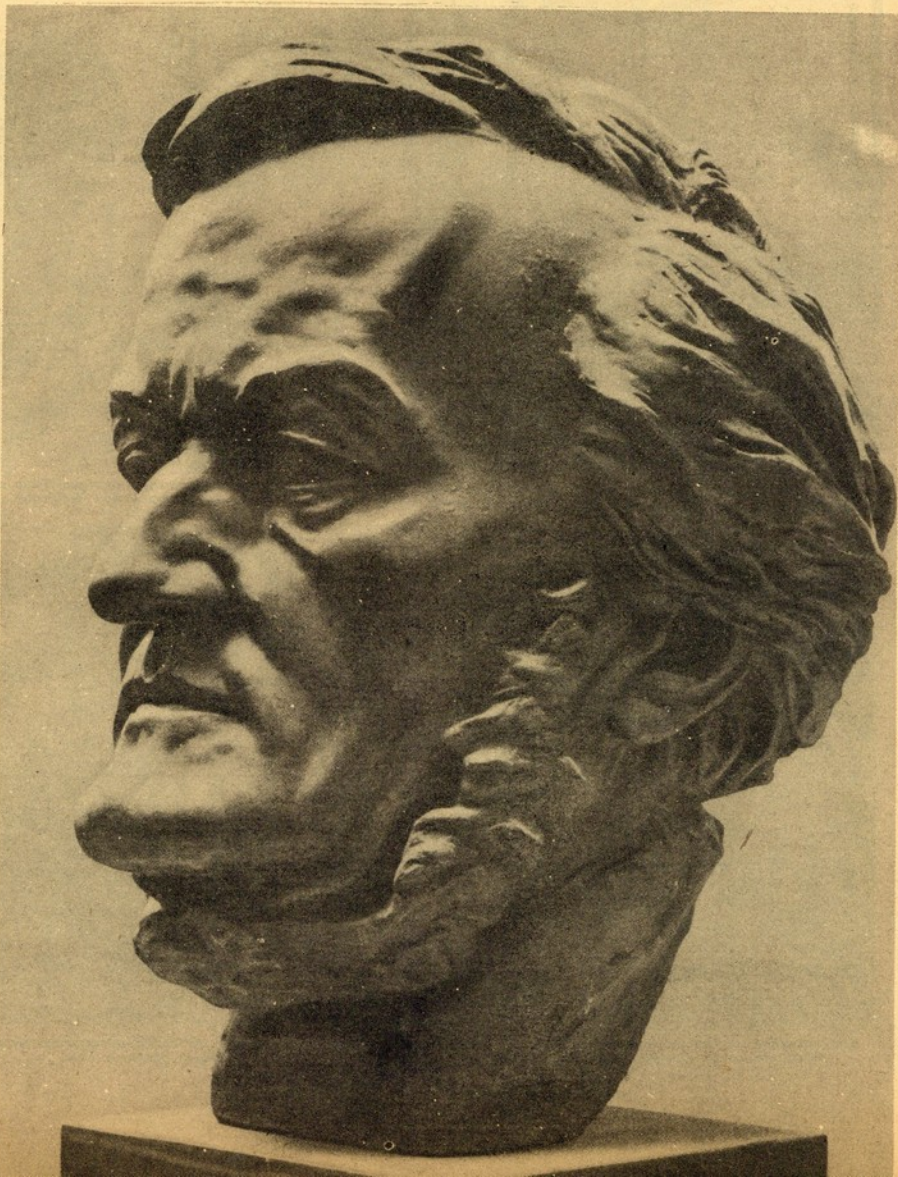
A harmonia cósmica é como que a respiração luminosa de todos os instintos de rebeldia que fazem do homem um batalhador. É a serenidade sem veludez e sem doçura, diante da qual como num céu por onde passou a tempestade, recuamos com pânico, assombrados, magnetizados, vendo o horizonte ainda em fogo, envolvido num fulgor sobrenatural. É o optimismo duma força que parece inconsciente como as convulsões da Natureza: significa a vontade subjugadora, dá-nos a medida do heroísmo titânico do homem na batalha com a treva que tenta despenhá-lo.

É inútil procurar na obra de Wagner o misticismo da Idade-Média ou o sensualismo da Renascença. Não há nem o cepticismo mórbido dos gregos nem as vibrações instintivas dos romanos. Há a sombra transformada em luz, o Universo interpretado na sua mais extraordinária e empolgante poesia.

Wagner é tão impressionante na sua visão transcendente como esse feiticeiro de Nuremberg que se chamou Albrecht Durer. O gravador do «Anjo» e da «Melancolia» possui o mesmo dom de saber aglutinar a um naturalismo trágico, positivo e vigoroso, a subtilidade maravilhosa do simbólico.

O realismo místico de Wagner tem no criador do *Cavaleiro, A Morte e o Diabo*, a mesma presença.

Ricardo Wagner é o «Dürer» da música.



A GERAÇÃO QUE SOBE.

REBOCHO

PINTOR DA HORA PRESENTE

Por CORREIA DA COSTA

QUANDO, no Museu de Arte Contemporânea, se sai da sala Columbano e se penetra na sala dos modernistas, inaugurada há anos e infelizmente pouco conhecida do público, tem-se a sensação dum deslumbramento de luz e de cor, e muitos problemas de ética e de pintura moderna se deparam e se desenvolvem ante o interesse e a curiosidade dos entendidos e «dilettanti» em coisas de arte plástica.

Para o iconoclastismo lusitana abriram-se novos caminhos e novos moldes para o futuro e o desenvolvimento da pintura inconformista.

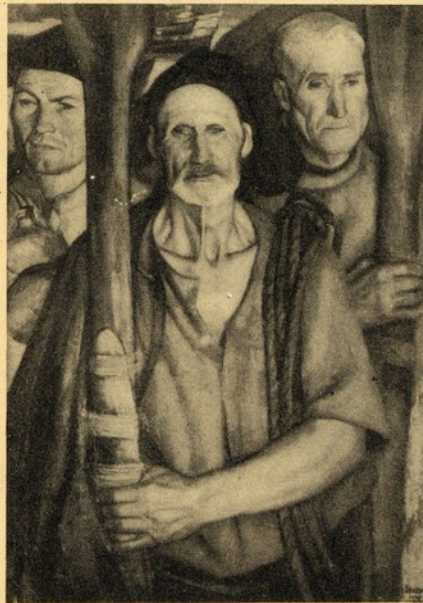
Acaba em Columbano uma época da nossa capacidade pictural. Surgiu a seguir um novo continente de espírito criador, de formas, de aspectos, de perspectivas, de sensações, de musicalidades, de incidências e sínteses visuais.

Começou esse novo século, esse cisma de arte com Amadeu de Sousa Cardoso, morto em Amarante em 1918 e homem de Paris e de Montparnasse. Homens de Paris e do Chiado foram-no, também, Eduardo Viana, António Soares, Almada Negreiros e Jorge Barradas. A eles se deve uma verdadeira revolução na arte portuguesa, e que nunca é de mais encarecer.

Mas o propulsor, o realizador, o lutador titânico cuja obra admirável e inimitável, já hoje de interesse nacional, constitui um verdadeiro espólio de geração — foi António Soares, o pintor da «Natacha» e de «Camões».

Premiado e notado em Paris em 1927 na Exposição Colonial, na de Nova-Iorque e na Grande Exposição Internacional na capital da França em 1931, onde o seu nome foi premiado e distinguido com medalha de honra num júri difícil e exigente constituído pelos melhores nomes da crítica e da arte europeias, António Soares foi o arauto dos pintores da hora presente, a geração dos trinta anos.

Um dos maiores e melhores nomes dessa falange,



Estudo para o tríptico «A vinda da pesca»

que sobe, cuja obra tem sido realizada num honrosíssimo silêncio, é o de Joaquim Rebocho, identificado no Museu de Arte Contemporânea em 1941, com a representação dum quadro inconfundível: um homem do mar, magnífico de personalidade.

Trata-se duma pintura intensa, dura, profunda e inconformista. A figura, o fundo, o afinamento das cores, a harmonia da composição, a esvelteza do desenho, a fusão e a síntese das tintas dão a este quadro a certeza dum nome e a esperança duma obra altamente individualizada.

Muito novo ainda, convergem sobre a sua obra qualidades pessoais. Sentido de personalidade, intuição de pintura com exclusão de artifícios decorativos e um poder forte e másculo, que, em resumo, documenta a raça, a origem introspectiva dos seus trabalhos.

Rebocho é um pintor total, pintor porque o é, e pintor que sente e compreende intelectualmente a pintura, podendo nós considerá-lo justamente um dos maiores pintores representativos do Algarve, essa maravilhosa província, plena de sortilégio, embragada de arabismo e que é a ante-câmara dos Sagres, síntese da hora plena dos descobrimentos henriquinos e da nossa universalidade.

Resultante das suas qualidades intrínsecas e extrínsecas, a sua arte tem um fundo racial marcado e revelado, e traduz-nos a essência e a interioridade dum cérebro criador, que procura algo de novo e novas modalidades para uma arte que vive do seu próprio dinamismo concepcional.

Pela arte, pela raça, pelos seus motivos, pelas suas composições reveladas em exposições parciais, Rebocho é um homem do mar, o pintor dos mareantes e dos marítimos. A sua arte formal obriga-o a ser o pintor dos descobrimentos.

Que temas admiráveis de percepção marítima não revelam os seus últimos trabalhos!

Uma das composições na qual se extenua, há meses, no seu «atelier», e que a si próprio se exige, dá-nos figuras e tipos que em conjunto de barcos e rédes, nos comunicam uma sensação à Nuno Gonçalves e Vasquez Diaz, pintores do mar para a raça e pintores da raça para o mar.

Há nessa herança, nessa descendência de obrigação concepcional, o atestado e a garantia das suas qualidades inconfundíveis.

A sua retina tem, como na obra de Lino António, a noção da beira-oceano, do homem que se debruça e vive sobre a orla das praias e o xadrez inquieto das ondas.

Eis, pois, a resultante ansiada e esperada da sua pintura.

Revolução permanente, a arte de pintar é uma arte de excelência, uma arte mental, como o disse Leonardo Da Vinci.

Quando um artista como Rebocho atinge, aos trinta anos, a percepção dos seus próprios recursos e a certeza do seu próprio caminho, mais não nos resta do que dizer-lhe e afirmar-lhe: Mãos à obra!



Esta expressão lusitana e costumeira, deve ser o melhor incitamento, o melhor conselho para os seus passos de pintor, para o seu complexo de visualista e de realizador de pintura intrinsecamente portuguesa e estruturalmente revolucionária.

Assim, esperamos que Rebocho, apetrechado como está pelos seus recursos picturais e pela sua essência cromática, seja um plástico em movimento, digno da sua geração vibrátil e intencionista, e é individualizado pintor da hora presente, que é à hora de resgate e de alforria da nossa pintura tantas vezes incompreendida.

CORREIA DA COSTA



O sr. Bispo do Algarve

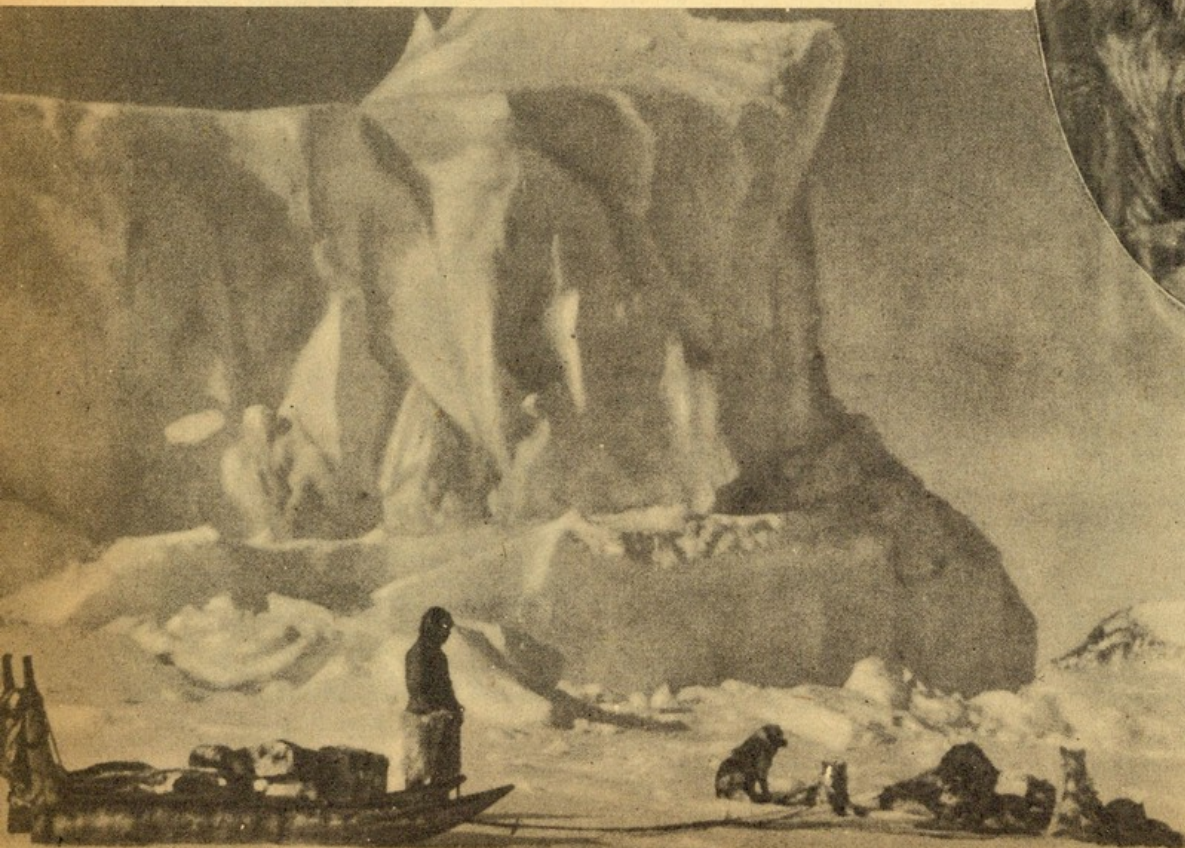
GROENLÂNDIA, 50 Graus negativos...



Penosamente, os cães polares vencem a neve e devoram distâncias, arrastando-se através dos imensos descampados, como este que se vê aqui ao lado, e sabem lutar, sendo preciso, contra o urso que, esfomeado, possa saltar na caminho.



À esquerda: A paisagem, durante a viagem, é sempre igual. Mas esta montanha de gelo que não funde nunca, é um «monumento» na estepe de Tule — uma região afastada do mundo e que é tão grande como a Dinamarca.



QUE nos dizem a uma viagem em trenó, através da estepe gelada da Groenlândia? Naturalmente, não nos dizem nada — porque, como nós, nunca andaram de trenó... Em cinema, em fotografia ou nas descrições dos livros, tudo isso é lindo e se veste de roupagens de arte inigualável. Mas, na realidade — é incômoda e monótona a viagem. Horas inteiras, nesses carritos desconfortáveis, através de paisagem sempre igual. E, por fim — outra vez neve, lá no norte da Groenlândia. Para ir de uma povoação a outra, gastam-se assim meias vidas — e os esquecidos que não se lembram de levar tóda a mercadoria ou executar tudo o que têm a fazer, gastam por certo a vida inteira em viagens. E, se não fôsem os cães polares, às filas de sete a puxar os carros — nem estes meios de comunicação difícil existiriam.

As viagens, entretanto, por serem longas e monótonas, precisam de ser cortadas por algum empreendimento. E, para o caso, um dos melhores é beber. De três em três horas, os trenós param e, então, toma-se chá quentinho. Numa temperatura de 40 e 50 graus negativos, não deve saber nada mal...

Enfim, isto é de dia. Mas, depois, quando a noite surpreende os viajantes e veste a terra de prata? Ah, então é preciso pernoitar de algum modo e em alguma parte... «Bivaca-se», pois. Homens, mulheres e crianças — todos vão de viagem — ajudam a erguer as tendas a meio do caminho. Para lá, no termo da viagem, estão os amigos, os parentes à espera, de roda de um bom fogo, enquanto a avó velha, de cachimbo, fuma sonolentemente, como fazem tódas as mulheres de Tule e as senhoras do «Chiado»...



O frio entorpece. O organismo reclama alguma coisa que accione o seu funcionamento. Para-se, então, no caminho, e toma-se chá quente.

Pela madrugada, a comitiva ergue tendas e põe-se a caminho, depois de umas horas de repouso. Trágica odisseia essa, a dos humildes e ricos, onde nem sequer falam crianças...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVII - a guerra no ar e no mar

7

DEBATE DOS

BOMBARDEIROS

Os pesados bombardeamentos de Colónia e de Essen, nas condições em que foram realizados e com os resultados que se conseguiram, vieram animar extraordinariamente o debate entre os partidários da utilização dos bombardeiros pesados de grande raio de acção, como arma susceptível de alcançar a vitória, e aqueles que censuravam a sua aplicação em tão larga escala aduzindo razões que não eram inteiramente infundadas.

Em primeiro lugar tratava-se de saber se o emprego da aviação de bombardeamento era, só por si, susceptível de provocar uma decisão no conflito em curso. Só um serviço de informações minucioso e persistente seria capaz de dar conta dos resultados reais dos grandes ataques realizados sobre as cidades industriais alemãs nos últimos dias de Maio e nos primeiros dias de Junho. Esse serviço não existia e a constatação dos resultados a que nos referimos só podia ser conseguida por vias indirectas, a fotografia aérea e as versões chegadas aos países neutros, o que era manifestamente insuficiente para alcançar o desejado resultado.

A «Wehrmacht» empregara os bombardeiros pesados exclusivamente como instrumento de guerra que exigia a cooperação estreita de outras armas. Fora esse o segredo dos seus êxitos iniciais na Polónia e na Noruega, em França e nos Balcanos. Os ingleses pretendiam explicá-los como uma modalidade de bloqueio que, fundamentalmente, se destinava a substituir o sacrifício de sangue nos campos de batalha pelo uso, em proporções até então desconhecidas, de máquinas de guerra.

Esta diferença equivalia a uma autêntica revolução e, como todas as revoluções na arte da guerra, esta bem depressa teve os seus partidários entusiásticos e os seus adversários intransigentes. Não tardou que no parlamento, pela imprensa e pelo livro, o debate se animasse em termos de ocupar uma grande parte do ano de 1942 no fim do qual se formou a convicção de que acção dos bombardeamentos aéreos tinha um papel capital para a condução da guerra mas que esse papel não devia considerar-se decisivo no sentido de que a arma aérea não bastava, só por si, para dar a vitória a qualquer grupo beligerante.

O BOMBARDEIRO — ARMA CARA

Os críticos mais veementes dos bombardeamentos estratégicos iam até ao ponto de recusarem a êstes qualquer influência de ordem militar. O seu principal argumento era o uso da experiência inglesa. O facto de a Grã-Bretanha não ter sido vencida pela «blitz», durante o ano de 1940, levava-os à conclusão que era impossível esperar quais-

quer consequências sérias da sucessão de ataques réreos mesmo quando êstes eram conduzidos de acordo com um plano previamente estabelecido e com um carácter metódico que visava, em última análise, a destruição sistemática da máquina industrial do Reich.

As suas censuras incidiam, principalmente, no facto de a Grã-Bretanha estar dependendo, em larga escala, as suas matérias-primas e utilizando a melhor parte da sua mão de obra na construção de uma arma cuja aplicação estava sujeita a numerosas incógnitas. O bombardeiro pesado era uma arma cara, não podia ser utilizada em certos períodos do ano e estava sujeita aos contratempos resultantes das modificações diariamente introduzidas pela experiência nos métodos de guerra. Para que construir centenas, e mesmo milhares de bombardeiros se êstes, de um momento para o outro, podiam tornar-se perfeitamente inúteis? Além da possibilidade do aparelhamento dum tipo de avião ou de qualquer arma defensiva que conduzi-se a êsse resultado, havia o aperfeiçoamento constante dos processos de defesa que utilizavam especialmente a artilharia anti-aérea e a aviação de caça.

De qualquer maneira, para os adversários dos bombardeamentos estratégicos tratava-se de uma arma

que só devia ser empregada como arma de acompanhamento nos campos de batalha ou nas operações preliminares dos grandes desembarques.

UMA CAMPANHA DE PROPAGANDA

Os ouvintes habituais das estações de rádio-difusão começaram a registar, a partir de Junho de 1942, que uma emissora bastante potente, falando em língua inglesa aconselhava o povo da Grã-Bretanha a compellir seu governo a abandonar o emprego dos bombardeiros aéreos, em tão vastas proporções, com o argumento de que os aparelhos que eram empregados nessa tarefa podiam ter uma utilização mais eficaz na Lèbia, onde a retirada inglesa por essa altura se acentuava, na Birmânia, onde os japoneses tinham acabado de se apoderar da estrada de abastecimento que conduzia o material de guerra para alimentar a resistência chinesa, ou na Rússia onde a ofensiva alemã de Verão revelava a intenção clara de atingir, simultaneamente, o curso do Volga e o petróleo do Cáucaso.

A linguagem empregada nessas emissões tinha um cunho acentuadamente popular e mesmamente plebeu. Não foi difícil localizar, com o auxílio dos serviços técnicos britânicos, a

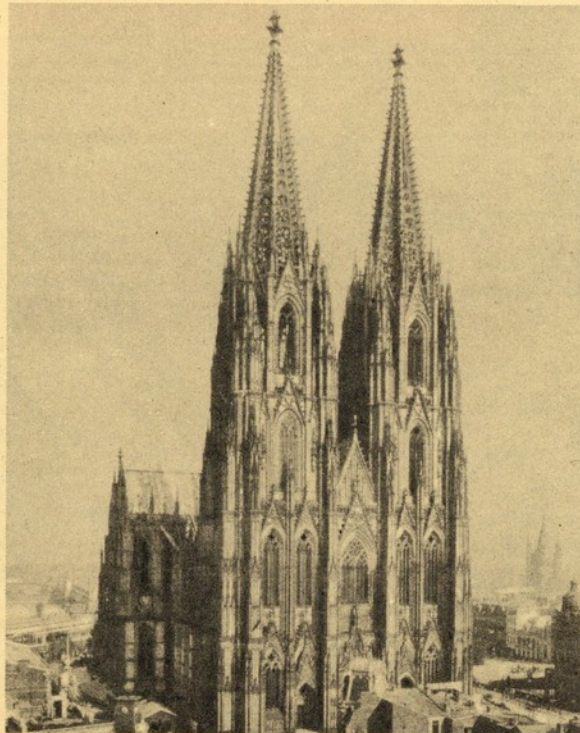
estação de onde partiam, verificando-se que a estação se encontrava em território do Reich. A constatação desse facto levou os partidários intransigentes dos bombardeamentos estratégicos a tirarem conclusões porventura apressadas ou exageradas, deduzindo do facto de se estarem produzindo essas emissões, naturalmente alimentadas pelos órgãos de propaganda do Reich, que êste país se encontrava em vésperas de ceder só porque o seu território havia sido mais duramente atingido pelos ataques aéreos e algumas das suas grandes cidades industriais haviam sido, em grande parte, danificadas ou mesmo destruídas. Como no caso da Inglaterra, a Alemanha resistiu aos bombardeamentos o melhor que pôde e a população convenceu-se de que era sua missão essencial não deixar de o seu moral fosse abalado por essa espécie de guerra. A diferença estava em que, entretanto, os métodos e os meios de ataque se tinham aperfeiçoado em proporções tais que seria loucura negar a eficácia final dos bombardeamentos conduzidos de acordo com os planos estabelecidos pelo Comando de Bombardeiros.

A CONTINUAÇÃO DO ATAQUE

O mês de Junho de 1942 viu a continuação dos ataques realizados com tanto vigor durante o mês de Maio. Depois do assalto a Essen e ao Ruhr, Bremen foi violentamente atacada durante a noite de 3 para 4 de Junho e, ao longo de toda a primeira semana deste mês, a cidade de Emden foi visitada, com frequência, por grandes formações de aparelhos da R. A. G., que produziram na sua área estragos muito importantes e destruições em larga escala.

Na noite de 16 para 17 de Junho os bombardeiros britânicos voltaram a atacar a região do Ruhr e a cidade de Essen. Esta continuação de ataques objectivos principais, senão na mesma altura o principal objectivo, da aviação de bombardeamento britânica. Nas noites seguintes, até 20 daquele mês, Emden e Osnabruck foram particularmente visadas com resultados evidentes. Na noite de 22 para 23, Emden foi atacada por uma grande formação de quinhentos aparelhos. Era esta, de resto, a quantidade de aparelhos com que costumavam ser visitadas as cidades industriais do Reich no período que se seguiu aos bombardeamentos monstrosos dos últimos dias de Maio e dos primeiros dias de Junho. As lições da experiência tinham demonstrado aos chefes da aeronáutica britânica que êsse número era preferível ao emprego, de cada vez, de um milhar de aparelhos, como nos casos de Essen e de Colónia, os quais tinham servido de teste para as conclusões a que o Comando de Bombardeiros britânico desejava chegar antes de prosseguir na aplicação metódica do seu programa. Assim, durante o mês de Junho, os grandes ataques às cidades industriais do Reich foram realizados por formações que variavam entre quatrocentos e seiscentos aviões de bombardeamento pesado.

Uma única excepção se estabeleceu para esta regra. Foi durante o grande bombardeamento a Bremen, na noite de 24 para 25 de Junho. Este bombardeamento foi levado a cabo por um número exacto de aparelhos. Mil aviões da R. A. F., atacaram Bremen durante uma hora e um quarto, um quarto de hora menos do que o tempo empregado para bombardear Coló-



A formosa catedral de Colónia que a cegueira da guerra não poupou, nem dos raids; aquela cidade, ficou quasi destruída.

nia. Os principais objectivos atingidos foram as docas e os estaleiros de construção de submarinos, as instalações de aeronáutica, as estações de caminho de ferro e as refinarias de petróleo.

No ataque tomaram parte, além de unidades completas do Comando de



Bombardeiros e Costeiro da Grã-Bretanha, esquadilhas da aviação holandesa, polaca e checa.

OS ESTRAGOS PROVOCADOS

Depois do grande ataque a Bremen, a atitude dos órgãos de propaganda do Reich modificou-se sensivelmente. Até aquêle momento, esses órgãos tinham adoptado o processo de negar qualquer effcacia aos bombardeamentos aéreos dizendo que se tratava de sacrificios consentidos em pura perda pelo adversário. Depois do ataque a Bremen, a aviação britânica foi catalogada como um inimigo implacável da pátria alemã em relação ao qual se justificavam todas as medidas de represália. A personalidade do Primeiro ministro, bem como a do Comando da aviação de bombardeamento, Harris, foram apresentadas ao público alemão como sendo as dos seus mais implacáveis e tenazes inimigos.

Apesar de haver névoas densas e baixas sobre a região de Bremen nos dias seguintes ao do ataque a que nos referimos, foi possível constatar que esse ataque fóra particularmente effcaz. Os ingleses começaram, por essa altura, a ensinar, com êxito, um novo método de guerra aérea. Esse método consistia fundamentalmente no seguinte: ao mesmo tempo que saíam dos aeródromos britânicos as formações de bombardeiros pesados que deviam atacar os objectivos principais assinalados pelo Comando, partiam outras formações de bombardeiros escoltadas por caças

cujas missões consistia em atacar os aeródromos continentais de onde podiam, partir as esquadilhas de caça encarregadas de interceptar ou prejudicar o ataque principal. Estes aeródromos encontravam-se principalmente nas regiões dos Países Baixos e da França e estavam devidamente localizados. O processo foi aplicado com resultados satisfatórios durante muito tempo.

A «Luftwaffe» começou a aplicar, em escala maior, os aparelhos de caça o que não deixava de se reflectir na condução da campanha de Leste. Mas as perdas da aviação atacante ainda não eram muito sensíveis. Essas perdas andavam à volta de cinco por cento dos aparelhos empenhados. A percentagem de dez por cento de perdas era considerada como o limite máximo, além do qual os ataques deixavam de ser rendosos.

O ATAQUE AOS PAISES OCUPADOS

O final do mês de Junho de 1942 foi assinalado pela realização de ataques aéreos em grande escala aos países ocupados e, de maneira especial, às regiões ocupadas da França. Depois dum segundo ataque muito violento contra Bremen, realizado na noite de 27 para 28 de Junho, em condições de tempo particularmente desfavoráveis e durante o qual os atacantes perderam nove aparelhos, os bombardeiros médios começaram a atacar, de noite, os objectivos mili-



tares localizados no Nordeste da França e na Bélgica. As instalações dos portos de Saint Nazaire, de Dunquerque e do Havre foram frequentemente visadas por esse processo. O porto de Nantes foi também frequentemente visitado e enormes os estragos produzidos nas suas instalações. Calcula-se, de accordo com as estimativas fornecidas pelos organismos técnicos franceses, que as destruições

provocadas nos três primeiros portos exigissem reparações avaliadas em mais de trezentos milhões de libras. O custo das reparações exigidas pelos estragos provocados em Nantes orçava por vinte milhões de libras.

A RÉPLICA ALEMÃ

A realização dos «raids» Baedecker contra o território britânico foi seguida, como já dissemos, dum período de relativa inactividade da Luftwaffe na frente aérea occidental. Depois dos «raids» Baedecker a aviação do Reich ensaiou uma série de ataques conduzidos à luz do dia por pequenas formações, contra as cidades costeiras. O número de aparelhos envolvidos em cada uma destas operações oscilava entre quinze e vinte. Na noite de 31 de Maio para 1 de Junho, Canterbury voltou a ser bombardeada sendo muito severos os estragos provocados na catedral. A biblioteca ficou quasi completamente destruída. Na noite de 2 para 3 de Junho as cidades do litoral foram bombardeadas e quatro dias depois



Londres conheceu de novo a sensação da «blitz» de 1940. Uma bomba lançada por um avião alemão caiu próximo da rua Gurney matando vinte pessoas e ferindo gravemente mais de sessenta.

Durante os últimos dias de Junho a aviação alemã voltou a mostrar-se particularmente activa sobre o território britânico. Na noite de 21 para 22 de aquêle mês a cidade de Southampton foi violentamente bombardeada. De 24 para 25 e de 26 para 27 Norwich foi visitada com resultados apreciáveis.

Durante o mês de Maio morreram, em consequência de ataques aéreos ao

território britânico, trezentas e noventa e nove pessoas elevando-se nessa mês o número de feridos a quatrocentos e vinte cinco; em Junho o número de mortos foi de trezentos



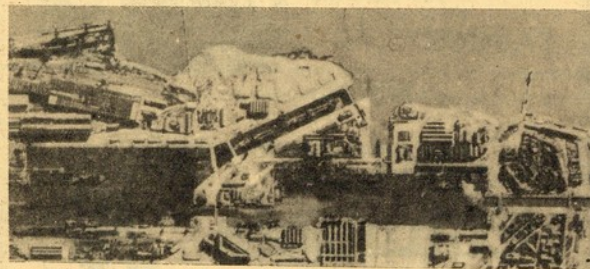
e o de feridos de trezentos e trinta e sete. No trimestre de Abril a Junho os alemães perderam, sobre o território britânico, noventa e nove aparelhos (trinta em Abril, trinta e quatro em Maio e trinta e cinco em Junho); no mesmo período os ingleses perderam sobre a Alemanha duzentos e onze aparelhos (oitenta e sete em Abril, sessenta e dois em Maio e sessenta e cinco em Junho).

Para terminar a narrativa da actividade aérea na frente occidental, no primeiro semestre de 1942, resta assinalar dois factos que se revestiram da maior importância, tanto na altura em que se produziram como mais tarde no decurso subsequente da guerra aérea. A defesa anti-aérea na

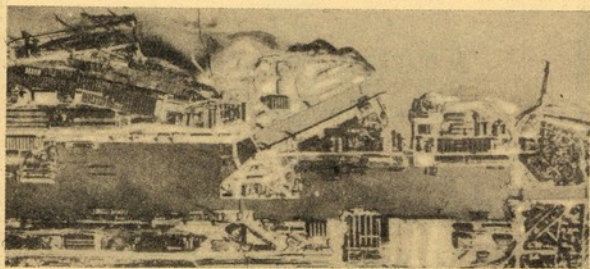
Grã-Bretanha melhorou em condições verdadeiramente extraordinárias. Os serviços de socorros e contra-incêndios atingiram um grau de perfeição inexcêdível. A artilharia anti-aérea multiplicou-se em todos os pontos do território britânico e a sua construção ficou sendo um dos títulos de honra da industria de guerra britânica. O treino das tripulações de caças e os novos métodos que elas puseram em prática conduziram a resultados inesperados.

A chegada ao território britânico das primeiras formações da arma aérea americana, que mais tarde deviam constituir o 8.º Exército aéreo dos Estados Unidos, constituiu, sob o ponto de vista material e sob o ponto de vista psicológico e politico, um factor decisivo para o prosseguimento da guerra.

(Continua)



Antes do «raid» do comando das operações combinadas a Saint-Nazaire, foi colhido este aspecto por um avião de reconhecimento britânico...



...Depois do «raid» era muito diferente o aspecto das docas, reconhecendo-se nitidamente os estragos causados nas instalações e navios ancorados.

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C^a (Filho)
 Rua dos Correios, 70
 LISBOA
 End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
 Peça folhetos grátis á
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
 AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12
 PORTO

ESTORIL

COSTA DO SOL



A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

ESTORIL PALÁCIO HOTEL — Luxuoso e confortável — Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE — Elegante e moderno
HOTEL DE ITALIA — Preços moderados
ESTORIL — TERMAS — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas. PISCINA de água tépida.

TAMARIZ — Magníficas esplanadas sobre o mar
Restaurante — Bars.

CASINO — Aberto todo o ano
Concertos — Cinema — «Dancing»
Restaurante — Bars
Jogos autorizados pelo Governo
Roleta — Banca Francesa — Bacará

«STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITACÃO
PARQUE INFANTIL

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL — PORTUGAL



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

| Horas | Estações | Ondas | Estações | Ondas | Estações | Ondas | | | |
|----------------|----------|---------|---|---------|----------|---------|------|---------|-------|
| 7,45 | WRUL | 38,4 m. | WRUW | 49,6 m. | WKLJ | 39,6 m. | | | |
| 8,45 | WRUL | 38,4 m. | WKLJ | 30,7 m. | WKJS | 39,6 m. | | | |
| 9,45 | WRLJ | 30,7 m. | WKTS | 39,6 m. | WBOS | 48,9 m. | | | |
| 12,45 | WKLJ | 19,6 m. | WGEO | 19,5 m. | | | | | |
| 13,45 | WRUW | 25,5 m. | WKLJ | 19,6 m. | WBOS | 19,7 m. | | | |
| 14,45 | WRUW | 25,5 m. | WKLJ | 19,6 m. | | | | | |
| 17,45 | WRUS | 19,8 m. | | | | | | | |
| 18,45 | | | | | | | | | |
| 19,45 | WGEO | 25,3 m. | WRUS | 19,8 m. | | | | | |
| 20,45 às 21,15 | WRUS | 19,8 m. | Meia hora de programa especial em português e noticiário. | | | | | | |
| | | | WRUA | 19,8 m. | WRUS | 19,8 m. | WKLJ | 30,7 m. | |
| | | | | | | | | | 21,45 |
| | | | | | | | | | 22,45 |
| 23,45 | WKLJ | 39,7 m. | | | | | | | |

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19,45 às 20 horas na frequência de 48,43 m., 41,86 m., 31,41 m. e 25,09 m.

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

BOM ASPECTO



Dá a toda a gente e dispõe bem ter os sapatos brilhantes de lustro.

Mas quem gosta de ver aos outros ou a si próprio um fato lustroso? Ninguém!

O novo produto CASULO LEMPA FATOS tira o lustro e as nodosas. No seu fabrico entram seis substâncias químicas inofensivas que actuam sobre a fazenda, dando aos fatos velhos novo apresto. Ficam como se viessem do alfaiate.

Desinfecta e tira também o mau cheiro dos fatos muito usados.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto. Em todas as drogas do país

REVENDA:
RUA DA MADALENA, 128. 2.^o
LISBOA



AQUI JAZEM

TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Há muitas
MEDICINAIS
e capazes de
destruírem as
microbérias da
boca, já há uma
EVITA
cariocáries
infecciosas
e bacterianas
TRATA
gengivites e
estomatites
Couto, Lda - Porto
L. 5. DOMINGOS - 106

O Livro do Momento

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»

LUCINDA & INEZ, L.^{DA}

ALTA - COSTURA

Visitem as nossas Ateli-
as onde estão expostas
as últimas criações de
VESTIDOS,
CHAPEUS,
LINGERIES
E PELES.

Rua de D. Estefânia, 117, 1.^o

NOVOS DISCOS

RUMBAS

CONGAS

PASO-DOBLES

FOX-TROTS

TANGOS

SWING



Em maravilhosas gravações

Columbia



Acaba de chegar
uma nova remessa

Est. Valentim de Carvalho

R. Nova do Almada, 97

Actualidades GRÁFICAS



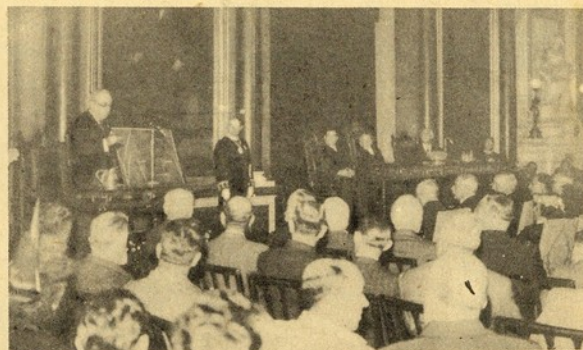
Durante os exercícios de Defesa Civil que se realizaram no último domingo, as raparigas da Mocidade Portuguesa também prestaram o seu concurso. El-las, durante os exercícios, nos serviços de transmissão da D. C. T.



No gabinete do sr. ministro do Interior realizou-se, há dias, o acto da posse do sr. governador civil de Portalegre, sr. dr. Afonso José Leite de Sampaio, que vemos na foto tendo o compromisso de honra. Durante o acto, o sr. dr. Mário Pais de Sousa fez o elogio do empossado e falou da sua nova missão.



O sr. Presidente da República assistiu às festas comemorativas do 50.º aniversário da fundação da Sociedade de Tiro n.º 2. A cerimónia foi brilhante e concorrida, tendo o Chefe do Estado colocado no estandarte da prestigiosa Sociedade, as insígnias da Ordem de Cristo, com que aquela foi agraciada.



A tomada de Lisboa aos mouros voltou a ser comemorada. Dia da Cidade — dia feriado, criado pelo Município — a Câmara festejou a vitória de Afonso Henriques com a discreção que o momento actual impõe, sem deixar de ser eloquente. O Chefe do Estado associou-se às comemorações, assim como o Governo, na sessão solene efectuada na Câmara Municipal, onde falou o sr. coronel Costa Veiga.






FIXADOR
Cliper

Conserva os cabelos bem penteados e brilhantes,
todo o dia, e não tem gordura

BOIAO — 12800

— A VENDA NAS BOAS CASAS —



Para comemorar o centenário do nascimento do general Morais Sarmento, promoveram-se importantes sessões em que foi enaltecido o valor moral, cívico, científico e militar daquele ilustre militar. O sr. coronel Pires Monteiro, em nome da «Revista Militar» enalteceu, no cemitério dos Prazeres, a memória de Morais Sarmento.



Mal se desvaneceu no ar o fumo dos canhões. Nápoles rendeu-se. O general Clark, com o seu estado-maior, encontra-se numa tenda, a alguma distância das linhas de fogo. O general visita de automóvel. Mas, de repente, despede o «chouffeur» e resolve tomar um pequeno avião de comunicações. O piloto recebe ordens precisas: aterrissagem o mais possível no centro da cidade. E, pouco depois, os napolitanos viam voar baixinho um aparelho, ao longo do Corso Humberto, para descer defronte da estação ferroviária! Mark Clark, supremo comandante do 5.º exército vitorioso, acompanhado do seu estado-maior, passa inspeção à cidade arruinada. A visita fez-se a pé, como a foto nos mostra. E, em seguida, já que está perto a linha ondulante de combate, que progride sempre mais para o norte, o general visita os soldados na frente de batalha, bem para lá da última demarcação de Nápoles. O avanço progride — e Clark, retomando o avião, regressa ao seu quartel general.